

# PERNAMBUCO

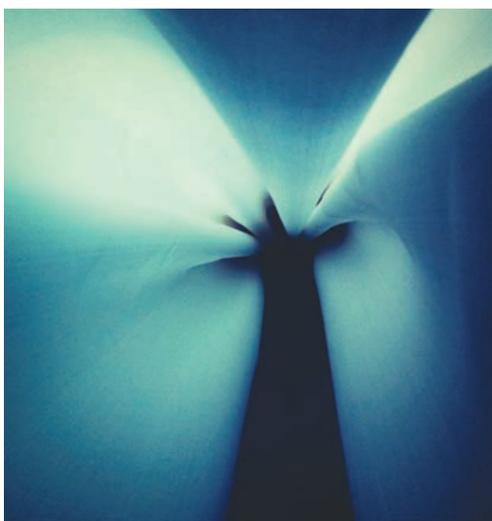
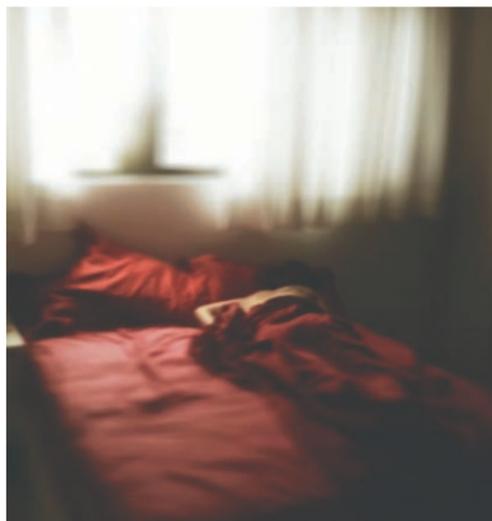
## ↳ 40º DE POESIA

ZIZO, O MUSO DO FILME *FEBRE DO RATO*, DE CLÁUDIO ASSIS, REVELA SEU REAL POÉTICO + O QUE FAZ UM POETA SER "MARGINAL"?

FOTOS RICARDO MOURA

ESPECIAL SOBRE PADRE ANTÔNIO VIEIRA | ENTREVISTA COM IVAN ANGELO | ELVIRA VIGNA

## GALERIA



## ALEXANDRE SEVERO

“A fotografia é um exercício de memória por excelência. Em cada fotografia há uma espécie de interrupção do tempo e é nesse descompasso entre reconhecimento e lembrança que vou documentando os instantes da minha vida. Como disse Cartier-Bresson, ‘lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar.’”

<http://www.alexandresevero.com.br>

## CARTA DO EDITOR

**Qualquer um** que tenha circulado pelo Centro de Artes e Comunicação (CAC), da UFPE, nas últimas décadas, deve ter reparado num senhor magrinho, discreto, sempre com um monte de zines na mão. A maioria não sabe bem de quem se trata ou o que exatamente ele está fazendo por ali. Mas, curiosamente, seu nome todos conhecem: Zizo. Essa personagem do imaginário recifense foi escolhida pelo diretor Cláudio Assis para representar, no seu novo filme, *Febre do rato*, os poetas que vive à margem do cânone literário do Recife, autores que lançam seus trabalhos de forma artesanal ou mesmo com a força da palavra falada e que recebem alcunhas que vão de “marginal” a “independentes”.

O que Cláudio Assis acabou fazendo foi uma declaração de amor (à sua maneira, que olha o mundo do avesso e pelo avesso, para assim enxergá-lo melhor) ao Recife. E encontrou na literatura que brota das entranhas da rua a melhor metáfora para o seu trabalho. Para o primeiro **Pernambuco** de 2012, resolvemos trazer para os leitores o Zizo real. Quem foi responsável por perfilar o escritor/artista plástico foi a editora-assistente da **Revista Continente**, Debora Nascimento,

que encontrou a melhor definição para sua personagem: “o anarquista zen”.

“Zizo, poeta e desenhista recifense, que, desde o início dos anos 1970, cria zines com poesias, textos e desenhos próprios e também de outros autores locais. Ele foi ‘muso inspirador’ para a concepção do papel interpretado pelo ator Irandhir Santos, mas o roteiro não é, de forma alguma, uma cinebiografia sua. ‘Algumas pessoas pensam que Febre do Rato conta a minha história. Chegam a perguntar coisas como, ‘Zizo você ficou nu?!’, diz, a respeito da cena em que o poeta da ficção despe-se em plena Rua da Aurora, no bairro central da Boa Vista. ‘Não, de jeito nenhum!’, garante sorridente o discreto anarquista”, “desenha” o perfil escrito por Debora.

Esta edição do **Pernambuco** traz ainda um especial sobre a vida e a obra de Padre Antonio Vieira e um inédito de Elvira Vigna, um dos nomes mais provocadores da literatura brasileira hoje. E Raimundo Carrero continua seu caminho de desvendar os segredos da obra de Flaubert.

É isso, boa leitura e um excelente ano novo para todos.

## PERNAMBUCO

### GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador  
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil  
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

### COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente  
Leda Alves  
Diretor de Produção e Edição  
Ricardo Melo  
Diretor Administrativo e Financeiro  
Bráulio Meneses

### CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)  
Antônio Portela  
Lourival Holanda  
Nelly Medeiros de Carvalho  
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes, Debora Nascimento, Mariana Oliveira e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife  
CEP: 50100-140  
Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)

## BASTIDORES

# Ruffato encerra o seu ciclo do proletariado

Autor relembra projeto sobre a história dos trabalhadores, finalizado com *Domingos sem Deus*, e dedica seu texto para o **Pernambuco** ao escritor Homero Fonseca

DETALHE DE "OPERÁRIOS", DE TARSILA DO AMARAL



### Luiz Ruffato

**Publicado, em 2001**, o "romance" *Eles eram muitos cavalos*, encontrei-me num impasse: havia proposto uma reflexão sobre o "agora", mas talvez necessitasse compreender antes "como chegamos onde estamos". Então, comecei a elaborar o *Inferno provisório*, uma "saga" composta por cinco volumes (*Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite*, *O livro das impossibilidades* e *Domingos sem Deus*), que tenta subsidiar essa inquietação, discutindo a formação e evolução da sociedade brasileira a partir da década de 1950, quando tem início a profunda mudança do nosso perfil socioeconômico, de um modelo agrário, conservador e semifeudal para uma urbanização desenfreada, desarticuladora e pós-industrial, e suas consequências na desagregação do indivíduo.

Evidentemente, essa descrição abarca apenas a superfície da narrativa. Contudo, é o entrecruzamento das experiências "de fora" e "de dentro" dos personagens o que me interessa. Importa-me estudar o impacto das mudanças objetivas (a troca do espaço amplo pela exiguidade, a economia de subsistência pelo salário etc) na subjetividade dos personagens. Erigir essa interpenetração da História com as histórias, acompanhar a transformação do país pelos olhos de quem a realiza sem o saber, eis minha proposta.

Só que não compreendo uma reflexão sobre essa questão sem que sejam colocados em xeque os próprios fundamentos de gênero. Do meu ponto de vista, para levar à frente um projeto de aproximação da realidade do Brasil de hoje, torna-se necessária a invenção de novas formas, em que a literatura dialoga com as outras artes (música, artes plásticas, teatro, cinema etc) e tecnologias (internet, por exemplo), problematizando o espaço da construção do romance, que absorve onivovamente a estrutura do conto, da poesia, do ensaio, da crônica, da oralidade...

Os cinco volumes do *Inferno provisório* são compostos de várias unidades compreensíveis se lidas separadamente, mas funcionalmente interligadas, pois que se desdobram e se explicam e se espriam umas nas outras, numa ainda precária transposição da hipertextualidade. Então, pode-se ler de trás para frente, pedaços autônomos ou na ordem que se quiser estabelecer, assumindo um sentido de circularidade, onde as histórias se contaminam umas às outras. E a linguagem acompanha essa turbulência – não a composição, mas a decomposição.

Definido o tema, definida a forma, restava-me ainda uma questão: para que escrever? Para mim,

escrever é compromisso. Compromisso com minha época, com a minha língua, com meu país. Não tenho como renunciar à fatalidade de viver nos começos do século 21, de escrever em português e de viver num país chamado Brasil. Esses fatores, junto com a minha origem social, conformam toda uma visão de mundo à qual, mesmo que quisesse, não poderia renunciar. Fala-se em globalização, mas as fronteiras entre os países caíram para as mercadorias, não para o trânsito das pessoas. Proclamar nossa singularidade é uma forma de resistir à mediocrização, à tentativa de aplinar autoritariamente as diferenças culturais.

A realidade se impõe a mim e o que move o meu olhar é a indignação. Não quero ser cúmplice da miséria nem da violência, produto da absurda concentração de renda no meu país. Por isso, proponho, no *Inferno provisório*, uma reflexão sobre os últimos 50 anos do Brasil, quando acompanhamos a instalação de um projeto de perpetuação no poder da elite econômica brasileira, iniciado logo após a Segunda Guerra Mundial com o processo de industrialização brutal do país, com o deslocamento impositivo de milhões de pessoas para os bairros periféricos e favelas de São Paulo e Rio de Janeiro.

O imigrante, a qualquer tempo, carrega consigo a sensação de não pertencimento, fazendo com que a sua história pessoal tenha que ser continuamente refundada. Partir não é só desprender-se de uma paisagem, de uma cultura. Partir é principalmente abandonar os ossos dos antepassados, imersos na solidão silenciosa dos cemitérios. E os ossos são aquilo que nos enraíza numa história comum, feita de dor e luta, de alegrias e memórias. Rompido esse lastro, perambulamos sem saber quem somos. E se não temos autoconsciência, se permanecemos imersos na inautenticidade, não reconhecemos o estatuto do outro, do diferente de nós. E perdido esse reconhecimento, instaura-se a barbárie. A arte serve para iluminar caminhos: e se ela modifica o indivíduo, ela é capaz de modificar o mundo. Para isso, portanto, escrevo.

### O LIVRO

*Domingos sem Deus (volume 5)*  
 Editora Record  
 Páginas 112  
 Preço R\$ 32,90

### CARTUNS

VICTOR ZALMA  
[HTTP://WWW.FLICKR.COM/ZALMA](http://www.flickr.com/zalma)



— MAS TIO, O QUE QUE É UM MARCADOR DE LIVRO ?

# FICÇÃO



## Lugares, talvez um fim para contar

**Dessas coisas que não se notam**, remendos nas cidades. Incorporados até o próximo remendo. Sempre. Sentei. Precisava. Mas na ponta. Inobtrusiva, quis. Invisível, me esforcei. Todos os poucos bancos e cadeiras com cara de já ter dono, individualizados, marcados, este o meu, aquele o seu. E a ameaça implícita: qualquer infração será punida com ódio eterno, retaliações. Mas o estande à minha frente estava vazio, então sentei. E pensei: não vazio, ainda vazio. Dessas coisas que se pensam para que fique mais fácil o olhar em torno. Porque havia muitos estandes vazios. E era bom pensar que daqui a pouco se encheriam, cores, ruídos. O meu tinha a bancada de alumínio entortado, com os cantos duros batidos para que fossem menos perigosos. Não ficavam. Era encostar e se arranhar. Sentei com cuidado também por isso. E agora relaxava devagar. E eu poderia ficar lá, sem me mexer, a manhã inteira, a vida toda. Daria para ficar até acabar. Eu, o mundo ou a feira, o que viesse primeiro. E, em qualquer das hipóteses, eu voltaria, na próxima quarta-feira, fantasma, com a saca de roupas e a outra saca, com cabides. E aquele banco passaria a ser o meu. Definitivamente – o que é uma palavra estranha em se tratando da eternidade. Mas sim, eu saberia então, nessa eternidade, o nome das outras sombras, como chamá-las, as sombras que se moviam, mal se moviam, na frente de meu olho que, este, não se movia. Sally. Fanny. Suely. Evelyn. Iguais, gordas, a sobrançelha levantada a indicar a duração de qualquer sorriso ou papo: curtos. Conheço bem. Algumas talvez de fato conheça, acho, desconfio, reconheço ou invento. Vagas lembranças ou vontades de afeto, ambas as hipóteses vagamente constrangedoras. Talvez já tenha visto aquela, me animo/apavoro. Não, ape-

nas se parece com uma personagem, minha ou de algum seriado, nunca sei. E transpiro inteira, que existissem, que me vissem, que viesse até mim, ah, você não é aquela menina da Molly? E chamassem as outras, venham, lembram?, a menina da Molly. E é sempre complicado sair da segurança do que se inventa, ainda que sob o rótulo de lembranças, para entrar no campo das palavras que compõem os dias: olá, muito prazer, pois é.

Com o intuito de me acalmar, passo a examinar, cenho franzido em análise profunda, as roupas penduradas. As roupas, sim, sim, estas subitamente maravilhosas porque ainda mortas (e não já mortas), ainda sem ninguém dentro.

E pensei:

“De repente compro.”

Seria mesmo bom. Só para não ser assim: entrar, resolver e sair. E em cinco minutos, eis-me na rua, de frente para as horas que faltam até o sol, sonso, fingir que desiste de vez, para que eu, ao fingir que acredito, conseguir dormir.

Malhas, jérseis.

Logo na entrada, na beira da rua, ficam os novatos ou os que devem ser assim chamados, de novatos, e por cujos estandes, estes todos cheios de fregueses, passei direto ao chegar, sem nem olhar. Novatos há vários anos, para sempre novatos. Em vez das malhas e dos jérseis, vendem cocadas, quindins, bolinhos de bacalhau, acarajés.

A entrada para o pátio é estreita, vestígio da época em que era preciso haver segurança e controle, carteirinhas de sócio e identificações. É nesta entrada estreita que se amontoam, então, as comidas, olhadas com ar de superioridade pelos veteranos. Coisa dos locais, devem dizer. Os veteranos não comem. E os poucos que comem mastigam com

### SOBRE A AUTORA

**Elvira Vigna** é autora de *Nada a dizer e Deixei ele lá e vim*. Esse texto faz parte do “esqueletão” de um livro que ela começa a montar este ano. “Talvez ele entre ou não”, adiantou.

KARINA FREITAS



os dentes da frente, a cara franzida de desdém, ainda que gostem. Mas meu olho registra, lento: uma das mulheres se aproxima, não bem em minha direção, mas quase. Vem visitar o estande à minha esquerda. Sally ou Fanny ou Rose ou Lilian anda devagar e come um pacote de salgadinhos, é o meio da manhã, hora do salgadinho. Puxa o banco vago, o banco “de cliente” da dona do estande à minha esquerda. Elas conversam, a voz baixa, os olhos em torno e, não, não em minha direção.

Os estandes de roupa fazem um corredor la-deando o caminho de quem entra em direção à piscina e aos armários do vestiário, no pátio de trás. As aulas de hidroginástica de cinquenta em cinquenta minutos fornecem a eventual, reticente e a cada dia mais rarefeita clientela dos estampados tamanho GG em malha e jérsei. A hidroginástica é a principal e quase única atividade do clube.

Adivinho que o desprezo que emana das duas mulheres a meu lado é, em que pese qualquer possível merecimento de minha parte, também um automatismo. Nada a ver com a presença dos salgadinhos já quase no fim, ou da minha, lá sentada sem ter direito a isso. Talvez uma técnica de venda, algo já incorporado por todas elas. Não dão atenção às possíveis freguesas que, enroladas em seus roupões de banho, interrompem o passo hesitante, às vezes com a bengala deixada por alguns minutos nas mesmas quinas em que agora tenho as costelas. Param, os roupões, quando param, e cumprimentam a vendedora que é alguém que elas também encontram em ocasiões sociais, de quem podem ser inclusive vizinhas de prédio. Esfregam então os dedos nessa ou naquela blusa pendurada. E a vendedora age com desprezo. Desprezo quer dizer que quem despreza é superior ao desprezado. Desprezo quer dizer que a blusa ali esfregada é valiosa. Eis a técnica de venda. De qualquer venda, ainda que não haja produto pendurado ou sequer à vista, ainda que o que se venda seja só uma aparência. Porque vendem sempre, e não só ali, e não só blusas.

Há muitos mundos à parte, se você se dá o tempo de percebê-los.

Não sei quanto tempo. Os sons da feira de roupas

já quase sumiam quando fiz um esforço. Me levantei. Ao me levantar, uma das mulheres que conversavam se virou afinal para mim e me estendeu um cartão meio desbeichoado. “Comida natural”. Havia um enfeitinho, acho que uma folha de alface, e um endereço. Se eu almoçasse lá, teria uma vida saudável, emagreceria seis quilos em um mês, e ganharia dez por cento de desconto. Não que ela agora me olhasse ao me dar o cartão. Não exatamente. Mas olhava na minha direção geral. A outra, com quem conversava até há pouco, sobranceira ainda mais levantada do que o lápis já a deixava, olhava em direção contrária, uma quase impaciência. Achei que aqui também eu podia adivinhar o motivo. A feira de roupas era um lugar que existia. Tinha uma concretude real que não deveria ser questionada. Não que seu comércio valesse à pena em termos de dinheiro. Mas existia e, por existir, continuava. A dona do cartãozinho infringia as regras ao tentar uma diversificação em seus empreendimentos. Agradei. Guardei o cartãozinho. E poderia ter saído e esquecido todo o resto. Sair, ir embora, subir em um ônibus que passasse com a porta aberta.

Mas entrei.

“Vim para resolver o problema do armário da Molly.”

A mocinha me olhou alguns segundos mais do que o necessário, desejei que fosse porque não havia escutado. Afinal saíu do mutismo e me perguntou se eu era quem havia telefonado. E foi pegar o pacote que se encolhia, envergonhado, logo ali, na parte de baixo do fim do balcão.

Agradei, ela titubeou um “meus pêsames”. Sorri o sorriso recém-aprendido e que não se importava de ser convencional. Ou melhor, era bom justamente por ser convencional.

O pacote era um saco plástico desses de supermercado com as alças amarradas em um nó. Achei bom. Eu talvez nem conseguisse abrir, assim. Mas abri. Uma toalha amassada e cheirando a umidade, um pente, óculos e uma bolsa velha, de couro, que decidi que permaneceria fechada para todo o sempre. Mas abri. Um cheiro que reconheci, um perfume velho, esmaecido, muito velho, acho que desde além das minhas fraldas sujas, este cheiro já

existia, igual, perto de mim, desde quase sempre. Dentro da bolsa de couro que estava dentro do saco do supermercado, havia uma carteira. Eu devia abrir também a carteira, ver se havia documentos, dinheiro foi para isso que vim a esta cidade que jurei nunca mais visitar. Mas a carteira eu não abri. E acho que este foi meu único gesto de amor.

Saí.

Andei um pouco. Passei reto pela primeira lixeira, dessas cor laranja, da prefeitura. A segunda estava alguns passos mais para minha direita e minhas pernas simplesmente seguiram, se recusando à flexibilidade necessária. Na terceira lixeira, joguei fora o saco com bolsa, carteira e o resto tudo.

Sarjetas e degraus de lojas têm a vantagem de todas as margens: nelas, a água que passa sempre parece mais mansa e mais morna, em um convite. Depois de andar por muito tempo, sentei. Era um degrau de loja. Esta cidade tem isso de bom: a de ser uma faixa, ela própria uma espécie de margem entre as montanhas e o mar. Parei onde parei porque, naquele lugar da faixa estreita em que eu me encontrava, saía, justo naquele ponto, outra faixa, subterrânea, antiga, e muito mais larga, em que cabia tudo o que eu havia vivido naquele lugar, e era muito. Na altura de meus olhos, as calças jeans e os tênis dos que andavam tentavam me manter no mundo da primeira faixa, a real. Iam com determinação, embora voltassem com igual determinação.

Conseguiram. Eles e mais um vazio no estômago que ainda não dava para saber se era fome ou se, ao comer, vomitaria o que comesse e mais muita, muita coisa.

Eu continuava sem saber as horas. Precisava lavar as mãos para me livrar do cheiro de um perfume que eu não tinha certeza se estava mesmo lá. E precisava me levantar do degrau da loja e arranjar um ar condicionado que me tirasse, com sua irrealidade, desse mundo. Uma forma amena, socialmente aceitável, de sair do mundo. A outra possibilidade era levantar já berrando, socando, empurrando, derrubando no chão e xingando até cansar, até que me levassem, e tanto fazia para onde.

## ENTREVISTA

## Ivan Angelo

# O cronista que escanteou para longe o romancista

Apesar de ter romances premiados, o escritor fala o porquê da crônica ser o foco do seu trabalho agora e comenta os vários impasses a cercar o jornalismo contemporâneo

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Schneider Carpeggiani**

**Uma das** preocupações do **Pernambuco** é sempre trazer bons cronistas a cada mês. Num tempo em que informações são pulverizadas na internet, a voz pessoal, o tom “ao pé do ouvido” do leitor de uma boa crônica (ao menos na nossa compreensão) faz toda a diferença para um veículo. Diante dessa nossa decisão editorial, nada melhor que uma entrevista com um dos maiores nomes do gênero, o mineiro Ivan Angelo, que lança agora pela Arquipélago Editorial a coletânea de crônicas *Certos homens* que reúne textos líricos, engraçados e com um olhar espantado para as minúcias do cotidiano, que muitas vezes nem notamos. Na conversa, ele revelou o

porquê de ter deixado de lado (ao menos por um tempo) sua premiada carreira de romancista: “Me sinto meio fora do tom, falando assim, porque eu percebo que as pessoas estão procurando é diversão quando leem um romance, ou buscam ajuda, ou identificação, ou querem se emocionar sem muito trabalho”. E comenta ainda a repercussão do papel de conselheiro sentimental que banca em alguns dos seus textos: “A repercussão entre os leitores, quando falo de amor, é sempre boa, e são as mulheres quase sempre que dão esse retorno. Escrevem e-mails, dão palpites, contam histórias íntimas na esperança de que se transformem em crônicas. Homens são muito travados para falar desse assunto. Escrevem quando o tema é política ou problema social.”

**Antes de falarmos de crônica e de jornalismo, vamos falar um pouco sobre o Ivan Angelo como romancista. Apesar dos seus romances terem sido premiados, você publica ficção com pouquíssima regularidade. Por que isso?**

O romance, como eu entendo, é um compromisso muito trabalhoso com a arte literária. Toma um tempo enorme do escritor e do leitor, e por isso o romance tem de ser buscado pelas duas partes com alto grau de exigência. Me sinto meio fora do tom, falando assim, porque eu percebo que as pessoas estão procurando é diversão quando leem um romance, ou buscam ajuda, ou identificação, ou querem se emocionar sem muito trabalho. Dependendo do talento de quem escreve, pode até resultar um bom divertimento. Não é o meu caso, ou ainda não foi o caso de eu começar um romance com essa atitude. Ou com esse propósito, sei lá. Se eu escrevo um romance como eu acho que deveria, e as pessoas compram pensando que é o que elas pensam que é um romance, podem se decepcionar. Ou posso eu me decepcionar, se escrevo seduzido pelo gosto ou pela facilidade. Quando eu tiver nas mãos um assunto, uma história e uma escrita que valham a pena, talvez escreva de novo um “romance”. Falei escrita porque cada história pede uma escrita.

**O romance *A festa* permanece como um dos mais influentes da literatura contemporânea brasileira. Como você o avalia hoje?**

Valeu. Valeu como assunto, como história e como escrita. E se ele permanece, como você diz, é mais por causa da escrita, não do assunto ou das histórias que ele conta. É disso que o leitor interessado na arte da escrita fala hoje, com relação a esse romance, não é do assunto dele, que é a vida de algumas pessoas durante o regime militar. Ou melhor: antes e durante o regime militar. Porque algumas histórias do livro vão lá atrás, buscando as origens da opressão. Uma começa lá no final do século 19, outra nos anos de 1940, outra nos anos de 1960. O livro foi publicado em 1976, estava escrito em 75. Gostei de ter escrito o livro e da recepção que ele teve, mas pouco depois

“Acredito mesmo que a visão pessoal de um cronista ajuda muito o jornalismo na atual transição

comecei a achar que a minha abordagem do assunto poderia levar a um erro de interpretação, que seria o leitor pensar que eu estava dizendo que a crueldade tinha se instalado no Brasil com aqueles militares. Aí, para colocar melhor a questão, eu escrevi *A casa de vidro*, que eu acho que é o meu melhor livro de ficção, onde se vê que aquelas crueldades e opressão já estavam presentes desde o Brasil Colônia.

**Você faz alguma distinção entre ficção e crônica, já que nela, de certa forma, você também cria personagens?**

Eu trabalho a crônica com bastante abertura. Não é o assunto ou a quantidade de realidade que ponho nela que a torna uma crônica. Veja a poesia: ela trata de tudo, como assunto. Conta histórias, medita sobre o mundo, canta o amor, varia de tom e de voz, fala na terceira pessoa, na primeira... É sempre poesia. A crônica é um gênero literário, tanto quanto o conto ou a poesia lírica. Crônica não é um formato, como o soneto, um dos formatos de poema. Algumas das minhas crônicas, ou algumas crônicas, de um modo geral, são dissertações, outras são poemas em prosa, outras são pequenos contos, ficções, como queira, outras são evocações, memórias, reflexões, recortes do cotidiano. Isso sem falar nas crônicas especializadas, entre aspas, como esportiva, política, social etc, que aí são jornalismo mesmo, puro jornalismo. A crônica literária se mexe, tem a mobilidade da poesia. E deve ter a mesma responsabilidade com relação à linguagem, buscar o mesmo rigor de linguagem que a

poesia tem. Ou que o conto tem. A limitação do espaço no jornal ou na revista trabalha a favor dela, a favor da concisão, que é uma qualidade.

**Muitas crônicas dessa nova compilação têm um olhar muito lírico, quase uma educação sentimental, como é o caso da crônica *Nem sempre você ama quem você ama*. Qual a repercussão do público quando você fala de temas amorosos? Como é “brincar” de conselheiro sentimental?**

Meu editor e eu procuramos montar a seleção de crônicas que compõem *Certos homens* usando o critério de proximidade de assunto que um texto poderia ter com outro. Como se fosse uma conversa, palavra puxa palavra, uma história puxa a outra, um sentimento desperta outro. Começamos com a crônica que dá título ao livro porque achamos que seria um bom título para o livro. Aí, naquela de palavra puxa palavra, fui enfileirando crônicas que tinham esse olhar lírico de que você fala. Depois aquele tema se esgota e me encaminho para outro, sempre buscando alguma proximidade. A repercussão entre os leitores, quando falo de amor, é sempre boa, e são as mulheres quase sempre que dão esse retorno. Escrevem emails, dão palpites, contam histórias íntimas na esperança de que se transformem em crônicas. Homens são muito travados para falar desse assunto. Escrevem quando o tema é política ou problema social. Mas é sempre boa essa chegada do leitor. Ele tem confiança e ousa se expor, coisa que o leitor de poesia ou de romance raramente faz. Poesia

e romance intimidam o leitor, ele não ousa questionar nada. O leitor de crônicas não, ele ousa, chega perto. O segredo da crônica é que ela é uma relação pessoal, íntima, entre o narrador e o leitor. O cronista se dirige a uma pessoa que ele acredita ter a mesma sensibilidade que ele. Por isso o leitor chega perto, escreve. O cronista busca a cumplicidade do leitor. O poeta e o romancista são mais olímpicos.

**Como é o processo de retirar uma crônica de um jornal/revista, veículos de prazo efêmero, e trazê-la para um livro? Ou você pensa a crônica na hora de escrever já para um futuro livro?**

Não, não escrevo crônica pensando no livro em que ela poderá aparecer. Tanto que quando se começa o trabalho de montar um livro de crônicas, a primeira coisa a fazer é uma seleção. Porque tem umas que são mais perecíveis. Ao ir para o livro, a crônica deixa de dialogar com o leitor sobre o cotidiano, ou o cotidiano perde importância, e ela começa a dialogar com o leitor sobre a arte da escrita. O próprio leitor muda um pouco de atitude, com aquele novo meio. É ainda o seu cronista que está ali, mas agora o leitor não vai jogar fora aquele texto, junto com o jornal ou a revista. Compra o livro para guardar, para conviver mais com as palavras do que com os fatos que as fizeram se agrupar daquela forma. Nesse ponto, sim, quem escreve crônicas sabendo que existe a hipótese de elas aparecerem em livro pensa um pouco mais no acabamento, pretende que elas durem um pouco além daquela semana. Mas eu sempre

“Quando eu tiver nas mãos um assunto e uma escrita que valham a pena, talvez escreva outro romance

escrevo pensando na arte da crônica e não no dia da crônica.

**Por ser filha do jornalismo, por muito tempo a crônica foi vista com certo preconceito. Você acha que isso tem mudado ao longo dos últimos anos?**

Já vinha mudando desde a década de 1940 com as crônicas de Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira. Mudou mesmo, eu acho, foi quando se juntaram a eles na militância, digamos assim, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues, e mesmo um Antônio Maria, um Carlinhos de Oliveira. Professores universitários começaram a estudar aquele surto a partir dos anos de 1950. O professor Antonio Candido, num belo ensaio chamado *A vida ao rés-do-chão*, deu o tom para toda uma geração de críticos, quando disse que esse era “um gênero brasileiro”, pela naturalidade com que se aclimatou aqui, e pela originalidade com que aqui se desenvolveu. Candido deu o aval para a apreciação crítica da crônica. O professor Davi Arrigucci Jr., no seu bonito ensaio *Onde andar o velho Braga?*, se sente confortável para falar de Rubem Braga num livro que estuda grandes nomes da literatura universal. Não há mais preconceito contra a boa crônica. E quando ela é má, não é preconceito.

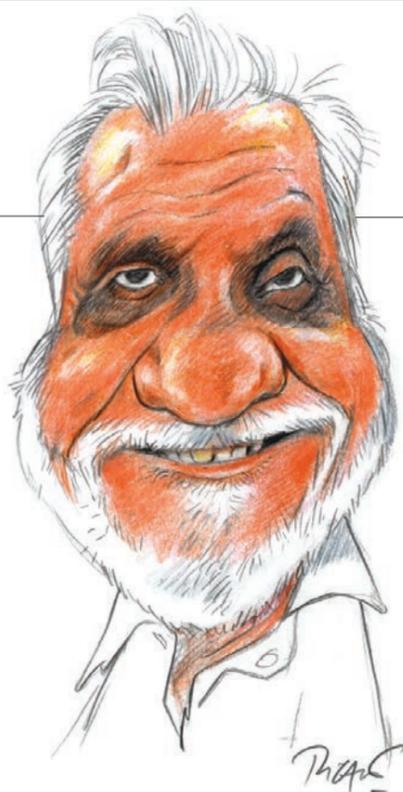
**O jornalismo impresso hoje vive um momento de impasse. Na sua opinião, a crônica e os textos mais pessoais seriam uma alternativa para o futuro do jornalismo?**

Há muito tempo venho ob-

servando que a internet, os blogs, os jornais rápidos dos portais eletrônicos levaram a mudanças nos jornais impressos. Tanto no visual quanto no conteúdo da matéria jornalística. A opinião invadiu o espaço do que deveria ser objetivo, começou a vaziar das páginas de editoriais. A concorrência com a notícia rápida fez diminuir o aprofundamento. Isso ficou a cargo dos articulistas especialistas. Diminuiu também, muito, o espaço da reportagem minuciosamente apurada. Isso ficou a cargo das revistas de reportagens. E diminuiu muito o espaço da emoção, daquilo que fazia um jornal se debruçar sobre a vida das pessoas da cidade. É aí que entram os cronistas. Um jornal como o *Estado de S. Paulo* tem doze cronistas não especializados. Acredito mesmo que a visão pessoal de um cronista ajuda muito o jornalismo na atual transição

**Última questão: qual foi a crônica de terceiros que você leu e mais lhe emocionou/inspirou?**

Ah, são várias. Pela perfeição da ideia e do estilo, uma crônica de Carlos Drummond de Andrade que está em *Fala, amendoeira*, e que se chama “Anúncio de João Alves”. Perfeita também, em todos os sentidos, é a crônica *Partilha*, de Rubem Braga, que está em *200 crônicas escolhidas*. Pode-se ler como um conto. Outra dele, antológica, é *Viúva na praia*. Está no mesmo livro. E curto muito uma de um cronista novíssimo, o Antônio Prata, que está na antologia *Boa companhia*, da Editora Companhia das Letras, e se chama *Bar ruim é lindo, bicho*.



## Raimundo CARRERO

# Após Flaubert, o narrador não foi mais aquele

No clássico *A educação sentimental*, quem é mesmo que conta as histórias?

**Quando se fala em Flaubert**, é certo que *Madame Bovary* será o livro imediatamente citado. Quase nunca a referência é *A educação sentimental*, um romance extremamente bem escrito, com duas redações distintas, e que conta a história de dois amigos, tendo por fundo os episódios da vida artístico-cultural da França, com destaque para os fatos revolucionários de 1848, em Paris.

Ao lermos esse clássico do mestre francês, a primeira impressão é de que a história completa pertence, sem dúvida, ao narrador onisciente. Mas não é bem assim. Ledo engano. Os narradores de *A educação sentimental* – não há um só narrador, como era e é costume na prosa de ficção – são os seus dois personagens principais. O que só é percebido pelo leitor já no final da primeira parte do romance. Uma habilidosa estratégia literária de Flaubert.

Quando o romance começa, num misto de cenário humano e cenário natural, o narrador onisciente parece oferecer uma visão tradicional da história, conduzida, porém, pela falsa terceira pessoa de Frédéric e não de um narrador onisciente. Basta verificar, mais tarde, que a voz é dele, nessa longa conversa – diálogo com o amigo Charles Deslauriers. Uma rápida leitura no primeiro parágrafo mostra a riqueza das vozes:

“No dia 15 de setembro, O ‘ville-de-montreau’, pronto a largar, soltava os seus grossos rolos de fumo junto do cais Saint-Bernard. Gente chegava esbaforida; barricadas, cordas, cestos de roupa dificultavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; as pessoas atropelavam-se; entre dois cilindros eram içadas encomendas, e a vozeria perde-se no silvo do vapor das máquinas que, escapando por entre as chapas de zinco, envolvia a cena numa nuvem esbranquiçada, enquanto a sineta, à proa, tocava sem parar.”

Então, o texto começa com duas vozes, porque a impressão inicial é a de que o narrador onisciente está revelando o cenário duplamente humano e natural. O primeiro, com a participação de muita gente, marinheiros e tripulantes, mas sem os personagens centrais; o cenário natural, constituído por barricadas, cordas, cestos de roupa, chapas de zinco, o próprio navio, mas sabe-se depois que é um cenário revelado a Deslauriers. Portanto, é uma primeira pessoa. Mas como está escrito na terceira, é a falsa terceira; que se constitui numa primeira pessoa com técnica de terceira.

Percebam que o narrador fala sempre a distância, mas, na verdade, ele está ali e por isso mesmo conta.

...

Durante a história, o narrador onisciente vai se descolando da falsa primeira pessoa de Frédéric e ocupando a falsa primeira pessoa com Charles

Deslauriers, como acontece, por exemplo, no parágrafo seguinte:

“O Capitão, que explorava agora um bilhar em Villenauxe, deitara fogo pelos olhos quando o filho lhe exigira a prestação de contas da tutela, e cortara-lhe até os subsídios. Mas, como pretendia concorrer mais tarde a uma cadeira de professor na Escola, e não tinha dinheiro, Deslauriers aceitara, em Troyes, um lugar de escrevente de um procurador. À força de privações, economizaria quatro mil francos; e, mesmo que não viesse a receber a herança materna, sempre teria meios para trabalhar livremente, durante três anos, enquanto não obtivesse uma posição. Tinham assim que por de parte o velho projeto de viverem juntos na capital, pelo menos nos tempos mais próximos.

Frédéric baixou a cabeça. Era o primeiro dos seus sonhos que caía por terra. ‘Consola-te’ – disse o filho do capitão –, a vida é longa e nós somos jovens. Hei de ter contigo! Não penses mais nisso!”

1) O narrador onisciente, nesse caso, não é tão onisciente assim: ele segue o ponto de vista da personagem e harmoniza o texto. Vejam bem, harmoniza o texto, segundo o personagem; e não conduz o texto sozinho.

2) Aqui as três vozes se unem através da terceira pessoa. Aquele – Flaubert – que criou o discurso indireto livre, agora apresenta as muitas vozes narrativas superpostas, sem que nenhuma delas tenha autonomia. O que lembra o “nós” na abertura de *Madame Bovary*, tão discutido pelos teóricos.

O que importa, sobretudo, é discutir o nível de criação em Flaubert, que deu início a toda a revolução da prosa de ficção já em 1850. Por isso declarou que queria escrever um romance sobre nada. Ou seja, um romance sem conteúdo, apenas com os elementos internos da narrativa. Nada significava, nada que fosse estranho à narrativa. Nem a filosofia, nem sociologia, nem história, embora fosse tão rigoroso que a história nos seus romances vinha com informações seguras e científicas, sendo *A educação sentimental* um deles.

Ao tirar a autonomia do narrador onisciente, Flaubert reforçou o poder do personagem, concedendo-lhe voz e olhar narrativos. Ou seja, o texto chega ao leitor através do que o personagem vê e como vê, define o caráter e o comportamento, o que, evidentemente, enriquece a narração. O narrador tradicional se ausenta e deixa que os personagens narrem. O narrador tradicional onisciente tem, então, uma nova tarefa: a de harmonizar e organizar o texto, que os cineastas chamam de montagem. É nesse sentido, por exemplo, que a montagem se apresenta superior à direção.

É assim que o segundo capítulo de *A educação sentimental* tem o comando de Deslauriers, cujo olhar chega ao leitor dentro daquele conceito dos múlti-

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

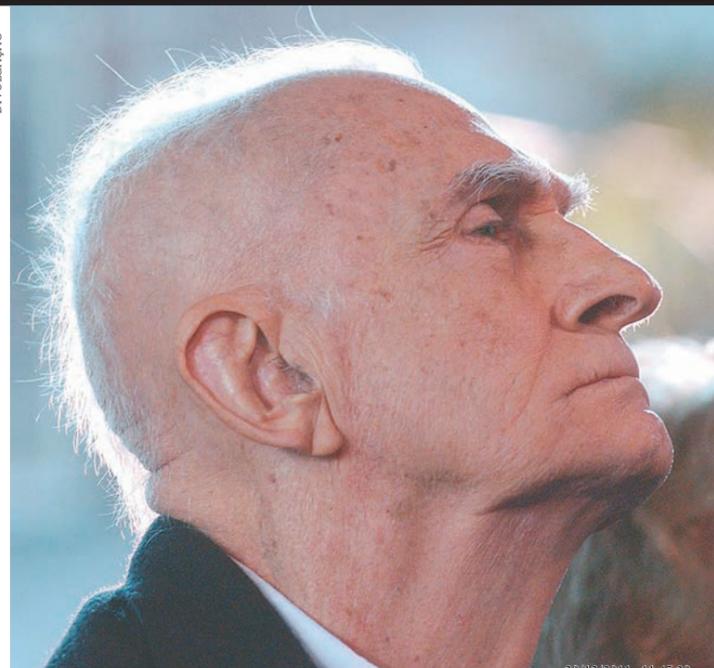
### CELEBRAÇÃO

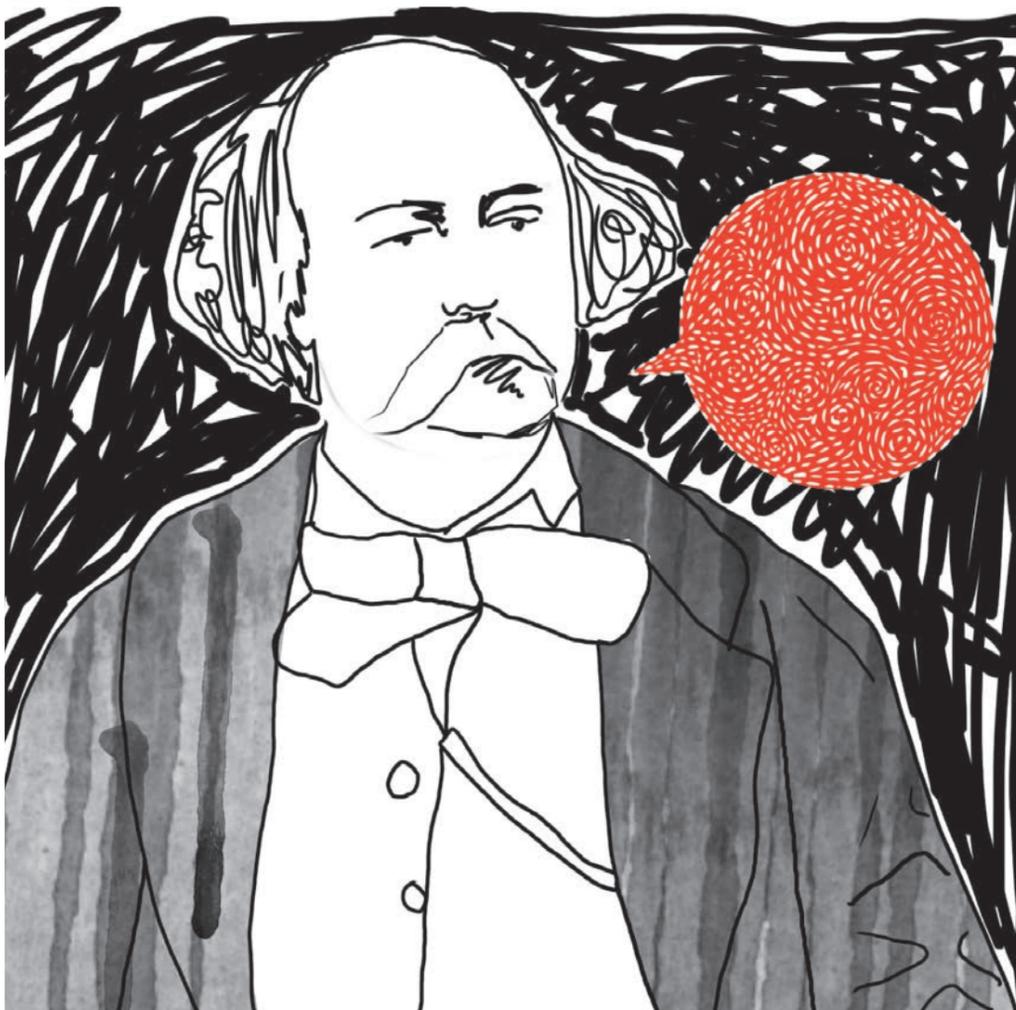
#### Editora José Olympioma sua 80 anos lançando livro de Ariano Suassuna e nova coleção de livros infantis

*O jumento sedutor* é o título do livro que Ariano Suassuna (foto) deverá entregar em breve para integrar as comemorações de 80 anos da Editora José Olympio, criada pelo livreiro e editor que lhe dava nome, falecido em 1990, aos 88 anos. A casa era ponto de encontro de escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Marques Rebelo. Comprada pela Record, em 2001, a editora

entretanto permanece com seu perfil original, com um enxuto catálogo de 350 títulos e fiéis editados, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e José Cândido de Carvalho, além de Ariano e Ferreira Gullar. Entre as comemorações estão programadas reedições de Gilberto Mendonça Telles, Raul Bopp e John Fante, além de uma biografia de Jack Kerouac e uma nova coleção de livros infantis.

DIVULGAÇÃO





plos narradores: Deslauriers, narrador onisciente e falsa terceira pessoa. Veremos, neste sentido, como é montado o princípio do segundo capítulo da primeira parte de *A educação sentimental*:

“O pai de Charles Deslauriers, antigo capitão do exército, que pedira demissão em 1818, voltara a Nogent para se casar, e comprara, com o dote, um cartório de meirinho, que mal dava para viver. Amargurado com antigas injustiças, sofrendo ainda os efeitos de velhos ferimentos e sempre saudosos do Imperador, vingava-se nos seus próximos da cólera que o corroía. Poucas crianças tinham sido mais espancadas do que seu filho. O pequeno não cedia, apesar das surras. A mãe, quando tentava de permeio, apanhava também. Finalmente, o pai o pôs no seu cartório e mantinha-o o dia inteiro sobre a escrivaninha, copiando processos, o que lhe deixou um ombro visivelmente mais forte do que o outro.”

Quando se analisa a narrativa de Deslauriers comparando com a de Frédéric diante de outros perso-

nagens, compreende-se a mudança de caracteres, o que, naturalmente, enriquece a narrativa, sobretudo para quem acredita que lê um narrador onisciente:

“Com exceção de alguns burgueses, na primeira classe, eram operários e lojistas com as mulheres e os filhos – Viu um senhor que dirigia galanteios a uma camponesa, brincando com a cruz de ouro que ela trazia ao peito. Era um sujeito forte, de uns quarenta anos, cabelos crespos. O tronco robusto enchia o jaquetão de veludo preto, na camisa de cambraia brilhavam duas esmeraldas, e as calças largas caíam sobre estranhas botas vermelhas, em couro da Rússia, e alçadas por desenhos azuis”.

Esses dois perfis físico-psicológicos determinam o caráter de Frédéric e de Charles sob a organização ou harmonização do narrador onisciente. No primeiro caso, Charles vê o pai com um ranço de raiva e vingança; Frédéric, ao contrário, mostra uma visão meio que romântica do folgazão Sr. Arneaux. De forma que aí já é possível definir o caráter romântico de um, e o caráter pragmático do outro.

## PROGRAMA

### Governo amplia acervos das bibliotecas públicas

O governo federal acaba de criar o Programa de Ampliação e Atualização de Acervos das Bibliotecas de Acesso Público. Serão investidos R\$ 34 milhões em livros para as municipais, estaduais, comunitárias, rurais e os pontos de leitura. É a primeira vez que o Ministério da Cultura cria um programa para atender toda a rede nacional de bibliotecas de acesso público. Até agora já são mais de 3 mil cadastradas.

## CÍCERO DIAS

### Artista plástico tem biografia lançada pela Cosac Naify, com inúmeras fotos raras e desenhos inéditos em livro

A vida do artista plástico pernambucano Cícero Dias (1907-2003) contada por ele mesmo em coautoria com sua viúva Raymonde Dias é um dos lançamentos da Cosac Naify sob o título *Eu vi o mundo*, uma referência ao célebre painel *Eu vi o mundo... ele começava no Recife*. Sua infância no engenho Jundiá, sua amizade com Gilberto Freyre, sua vida boêmia no Rio de Janeiro ao lado de

Manuel Bandeira, Villa-Lobos e Murilo Mendes, sua vida em Paris, onde conviveu com Picasso e André Breton, em meio à Segunda Grande Guerra Mundial, o exílio em Lisboa e a volta à França libertada, são alguns dos episódios de uma vida rica em experiências e produção artística. O livro traz também fotos raras e inéditas, além do figurino criado para um balé idealizado por Mário de Andrade.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
  2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

**Companhia Editora de Pernambuco**  
 Presidência (originais para análise)  
 Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
 CEP 50100-140  
 Recife – Pernambuco

**Cepe**  
 COMPANHIA EDITORA DE  
 PERNAMBUCO

Secretaria  
 da Casa Civil



**PERNAMBUCO**  
 GOVERNO DO ESTADO

## CAPA

# A poesia febril do anarquista zen

Editor de zines é, há quatro décadas, divulgador dos poetas marginais no Recife

Débora Nascimento

“Não é a geografia, não é a arquitetura, não são os heróis..., muito menos a crônica de costumes ou as imagens criadas pela fantasia dos poetas: o que define uma cidade é a história de seus crimes”. Assim como apontou o narrador de *O senhor do lado esquerdo*, premiado romance de Alberto Mussa, os poetas podem mesmo não conseguir definir uma cidade, mas são eles alguns dos responsáveis por abrir infinitos portais para tentarmos decifrá-la. E a nós.

Conhecida pelas águas que a cortam em espécies de ilhas, costurada por pontes, manguezais, ornamentada por favelas, espigões, casarios coloridos, casas sem reboco, lajes, postes, fiação elétrica aparente, ruas estreitas chamadas de avenidas, becos, morros, carros importados, botecos, engarrafamentos, carroças, praias, maior shopping da América Latina; narrada por Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco, Capiba, Carlos Pena Filho, Ascenso Ferreira, Alceu Valença, Manuel Bandeira, Antônio Maria e Chico Sciense, Recife também se define por personagens que sobrevivem sem holofotes, flashes ou alarde nas colunas e redes sociais, se equilibrando nas beiradas das periferias, que podem ser visitadas sob a segurança do Google Maps.

Um dia, um desses personagens estava fazendo sua pequena revolução em frente ao Centro de Artes e Comunicação da UFPE, distribuindo seus jornais poéticos, quando passou por lá um apressado Cláudio Assis, que, apontando para ele, disse: “Vou fazer um filme sobre você”. O cineasta pernambucano referia-se a *Febre do rato*, produção que foi exibida em alguns festivais de cinema em 2011 e que agora tem projeção comercial prevista para o mês de março. A obra – seu terceiro título ambientado no Recife – conta a história de um poeta marginal tentando sobreviver num bairro pobre da cidade e utilizando sua poesia contra as mazelas sociais e políticas.

Zizo, o protagonista do filme, foi inspirado em Zizo, poeta e desenhista recifense, que, desde o início dos anos 1970, cria zines com poesias, textos e desenhos próprios e também de outros autores locais. Ele foi “muso inspirador” para a concepção do papel interpretado pelo ator Irandhir Santos, mas o roteiro não é, de forma alguma, uma cinebiografia sua. “Algumas pessoas pensam que *Febre do rato* conta a minha história. Chegam a perguntar coisas como, ‘Zizo, você ficou nu?!’”, diz, a respeito da cena em que o poeta da ficção despe-se em plena Rua da Aurora, no bairro central da Boa Vista. “Não, de jeito nenhum!”, garante sorridente o discreto anarquista, que, segundo sua sobrinha Patrícia Lima, depois da sessão *première* no festival Janela Internacional de Cinema, em 4 de novembro do ano passado, veio no ônibus, de volta para casa, divertidamente preocupado com sua reputação, porque nunca usou, ou usaria, uma caixa d’água no quintal como espaço para momentos de intimidade e, muito menos, suas namoradas eram, ou seriam, mais velhas que ele.

“Eu também jamais subiria em um carro e declamaria poesias no megafone”, revela, lembrando de uma das cenas impactantes de *Febre do rato*, no qual ele fez uma “ponta”. “Talvez esse seja mais o perfil de Miró”, cita o aclamado poeta, com visível respeito e estima. “Miró é performático, é um ator, é o Othello do Recife”. Apesar de festejar o sucesso

do artista da Muribeca, Zizo tem ressalvas quanto à recepção do mercado editorial à poesia marginal. “Eles não são respeitados e jamais serão. Há um *apartheid* nessa área, pois existe ainda muito preconceito. O poeta marginal é como se fosse um grafiteiro, aos olhos de algumas pessoas”, avalia.

Mesmo não narrando a história de Zizo, nascido José Maria de Lima Filho, o filme traz algumas semelhanças com sua vida. Ele também mora com a mãe no subúrbio da cidade, teve amores complexos, idealizou musas, foi e é contra qualquer ditadura, está cercado de amigos que lhe admiram, tem uma profunda dedicação ao trabalho de fazer panfletos poéticos e escreve poemas, mesmo que poucos e curtos – ao contrário dos caudalosos, que foram escritos pelo roteirista Hilton Lacerda e declamados por Irandhir Santos. “Gosto de recitar poesias curtas para poder sair de cena logo. Dizem que o artista tem de ir aonde o povo está, mas eu sou exatamente o contrário. E a criação também não deve depender do povo”. Um exemplo dos breves textos zizonianos – “Uma porta conforta/depois da surpresa.../sou sua presa/tesa, acesa pelo acaso” – mostra sua afeição pelo *ritmo rápido das rimas*.

Inspirado pela leitura de autores como Florbela Espanca, Graciliano Ramos, Osman Lins, Augusto de Campos, Edgar Allan Poe, Borges, Garcia Lorca, Zizo começou a fazer os seus primeiros poemas, e pelos traços e figuras de Ziraldo e Henfil, como a *Graúna*, passou a encarar com mais afinco o talento para desenhar.

Certo dia, resolveu somar essas duas paixões na concepção de zines para divulgar sua produção e a de outras pessoas que não encontravam oportunidade para uma publicação, digamos, formal. Vieram diversos jornais, feitos com vários colaboradores, entre eles, *Em Tempo*, *Movimento*, *Palco Aberto*, *Revolução*, *A Mosca*, *O Barato da Patota* – “Ninguém vinha pra cima de nós por causa do nome que era idiota”, conta Zizo, que chegou a ser ameaçado de prisão, na década de 1970, mas, por sorte, escapou ileso.

E aqui vale um parêntese: não se sabe se era por causa do regime militar, mas as ruas do Recife não contavam com jornais de poesia. E mesmo os que surgiam eram raros e interrompidos. Nos anos 1980, na “época da abertura”, teve o *Balaio de Gato*, e, na década de 1990, *De Cara com a Poesia*.

As publicações de Zizo costumavam ser produzidas com folha *extension* e mimeografadas, e circulavam em faculdades. No começo da década de 1990, ele lançou o *Cacos e Caos*, que, rebatizado de *Caos*, vem sendo distribuído até hoje. O *jornalzinho* é confeccionado com verbas próprias e sem patrocínio, e montado de forma artesanal, com colagens de recortes de textos e imagens, para, enfim, ser xerocado – isso em plena era dos webzines, dos blogs, do Twitter e do Facebook (!). Desta forma, Zizo mantém essa cultura de zines, com “diagramação” de aspecto *eighty*, sem defender uma estética específica, sem fazer ode ao vintage ou ao retrô, mas apresentando algo que é apenas fruto do simples fato dele não ter – e não usar – computador.

Respirando o mesmo ar do mundo dominado por aparelhos *touch screens* e incontáveis xingue-lingues, o nosso incomum personagem ignora até mesmo uma simples troca de e-mails. Ele possui correio eletrônico, mas não o utiliza. Quem o acessa é a já citada sobrinha Patrícia, com quem o poeta mora



—IH MENINA, NEM ADIANTA SE ANIMAR COM ESSE AI:  
O TÍTULO É BOM, MAS O FINAL É PREVISÍVEL.

RICARDO MOURA



junto à mãe no bairro do Cordeiro. Dali, Zizo costuma pegar ônibus para resolver problemas da casa e manter seu ofício de editor alternativo.

Trajando tênis, camisa preta, calça jeans e mochila nas costas e exibindo um cabelo meio grisalho de franja, daqui a três anos, ele, hoje com 62 anos, poderá desfrutar das benesses dos cidadãos da terceira idade, como o acesso gratuito aos transportes coletivos, o pagamento de meia entrada em shows e a entrada em fila preferencial, mas terá um pouco de dificuldade para convencer as pessoas a respeito da sua idade. Como se não bastasse o *look* jovial, seu riso sapeca ainda lhe confere um jeito de menino danado.

Atualmente sem carteira assinada, ele já trabalhou na Reitoria da UFPE e na saudosa livraria Livro Sete, onde era o vendedor que, às vezes, fazia vista grossa para pequenas lacunas deixadas nas prateleiras por estudantes necessitados. Atualmente, seu trabalho consiste em ser autor de publicações alternativas, e sua mente está cheia de ideias e projetos, como a estreia da revista em quadrinhos da Sue, personagem que vai ganhar um

curta-metragem intitulado *Suprema insanidade*, com previsão de lançamento em 2012. Sue é apenas um dos diversos “filhos” de Zizo, assim como *Pixota*, *Vovó Lúpia*, *Boy Lero* e *Beleléu*. “Ela é uma transgressora, do começo ao fim. Foi feita como uma colcha de retalho de várias figuras femininas e tem um pouco de alter ego do autor. É uma personagem atemporal”, avalia Patrícia.

Para Zizo, que viveu, pelo menos, quatro décadas fazendo o que chama de “poesia política”, o país melhorou em alguns aspectos, mas a corrupção, para ele, piorou, assim como a violência nas ruas. “E o caos continua”, diz, fazendo uma sutil propaganda de sua publicação e brincando, como sempre, com as palavras, o que se pode conferir nos poemas espalhados em muitas de suas publicações (“Uma sinfonia/em sintonia/com tua nua anatomia/Vais, menina, assim/à sina traquina”).

Nessa entrevista ao **Pernambuco**, concedida em sua casa, ele recordou pessoas que o ajudaram, de diversas formas, em vários momentos de sua carreira, e fez questão de mencioná-las, como Ângelo Monteiro, Luiz Carlos Monteiro, Juracy Andrade,

Amin Stepple, Expedito Tenório, Marcus Pedrosa, Anchieta Antunes, José Gomes, Roberto Borges, Danielle Romani, Luiz Momesso, Marcus Accioly, Wilson Vieira, Erickson Luna e até mesmo o editor deste suplemento, Raimundo Carrero.

As fotos para ilustrar esta matéria foram feitas inicialmente na varanda da casa de Zizo, onde ele, sentado ao chão, estava cercado por exemplares de seus pequenos jornais (a maioria, apenas uma rara unidade amarelada de cada edição). Nesse momento, eu e o fotógrafo Ricardo Moura avistamos uma caixa d’água vazia no quintal da residência e não resistimos em tentar fazer uma brincadeira visual, com o entrevistado saindo desse gigante recipiente vazio. Então, entre bananeiras, mangueiras, galinhas e um galo bicando o chão, o poeta anarquista encarnou seu papel de protagonista e distribuiu mais um exemplar de seu sorriso bondoso e zen.

Zizo, o personagem real e extemporâneo, que ainda merece um filme – e agora parafraseio o narrador do romance citado na abertura deste texto – talvez nunca teria existido a “não ser na cidade a que” pertence.

## CAPA

# “Marginal” ou o heroísmo de se dizer livre

Escritores como Miró, Chacal e Cida Pedrosa falam dessa tal de marginalidade poética

Luís Fernando Moura

FOTOS: RICARDO MOURA



**Das velhas construções** ocupadas com álcool, grafite e amor livre, o porta-voz dos versos parte para a embarcação no Capibaribe. Messianico e ordinário, declama as verdades cirúrgicas sobre a cidade delineada em preto e branco, estrofes escritas nos bastidores pelo roteirista Hilton Lacerda.

A paisagem que se pintou no ficcional Zizo, do ator Irandhir Santos, inspira dimensão onde viver é pulsão artística e marginal, pronta para se desnudar ao público diverso das salas de cinema. O roteirista mergulhou no lirismo marginal para conceber *Febre do rato*, dirigido pelo cineasta do desejo e da trama urbana, Cláudio Assis. “A ambiência”, diz Hilton, “é muito forte entre esses poetas. Este universo tem um senso de cultura popular tão forte que às vezes se torna hermético para quem vê de fora”.

Assim foi escrito. O nicho da poesia maldita nunca delimitou um campo consensual de afinidades, fossem elas verso ou ethos. Embora possamos nos aventurar a pincelar vetores que aglutinem os inumeráveis marginais, sempre esbarraremos num entrave prévio: o de nunca ter havido estatuto que torneasse, via punho cartesiano da historiografia, do que – ou de quem – tratamos ao nos referirmos ao termo.

Não à toa, a base da concepção maldita da literatura brasileira, nascida no Rio de Janeiro, começou a desmoronar no próprio berço. Já em 1985, o poeta Chacal maldisse a herança da antologia *26 poetas hoje*, organizada em 1976 pela professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Heloísa Buarque de Hollanda – mesmo tendo a coletânea alavancado prumos comerciais entre os poetas envolvidos, ele incluso.

Naquele momento, Chacal se apoderou de microfones ácidos para proclamar que o livro “pegou o bonde atrasado da legitimação. Tem pessoas que vieram a reboque e que não prestaram, nem prestam, serviço algum à literatura. É tipo esses discos de rock com 20 grupos”. Em encontro com a reportagem, ele explica. “Normalmente os grupos literários se formam a partir de manifestos, como o concretismo, o modernismo ou a geração de 1945. Mas, nós? Ana Cristina César,

Paulo Leminski, Chico Alvim, eu, cada um tinha um estilo muito diferente. Tinha gente de contracultura e gente de supercultura. Fala coloquial era uma característica? Já era presente no modernismo. Estar fora das editoras? Os primeiros livros da maior parte dos autores foram publicados assim”.

“Nossa história não nasceu como um projeto, mas muito espontaneamente”, continua. Foi fruto ácido da política literária de então, capitaneada pelos concretos e suas ressonâncias na academia, na crítica e no tropicalismo. Os marginais, burgueses munidos de mimeógrafos e rebelados contra a repressão, surgiam do outro lado das tensões, em geral com inclinação mais discursiva ou assertiva. Alguns, como Chacal, eram formados “no samba, no rock n’ roll, na literatura beatnik”. Outros, “como Leminski, tinham a concisão da poesia concreta”. Aproximavam-se, mesmo que errantes, ao se reconhecer num *corpus* que trombava no real ultrajante.

O grito da independência, controverso em essência, gerou a verve inquieta que estabeleceu a prática dos recitais como instituição, já no Pernambuco de 1980. Cida Pedrosa, uma das cabeças do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco, empossa o espírito em versos, realçando a fertilidade do momento: “Geração ácida/que diluía a alma em álcool/e fazia da redoma o copo/com certeza, senhores/vai longe, muito longe, o tempo/em que tiramos o papel do limbo/e cravamos o punhal no branco”.

Décadas depois, coletâneas como *Marginal Recife*, lançada em 2002, deixam entrever produção que patina entre escrituras boêmias, apontamentos de cotidiano, atração escatológica e crítica social, mas sem sincretismo. De um lado, o poema *hit* de Valmir Jordão belisca o capitalismo: “Coca para os ricos/cola para os pobres/Coca-Cola é isso aí!” Do outro, a poesia convulsiona em Lara: “Poesia,/eu te amo assim mesmo/como tu és:/Pobretona,/Sem senso prático (...)”. Mais à frente, a criação literária é sórdida em Erickson Luna: “Os vícios tragam-me depressa/à parte a rebeldia que me torna em jovem”.



—COMO É QUE UM ZINE PODE COMPETIR COM UM LIVRO DO CHICO BUARQUE?



### Poesia e inquietação

Cida Pedrosa e Miró são retratos do quanto rótulos como “marginal” e “independente” também apontam escritores comprometidos com o fazer literário

que não teriam valor estético e só se tornam obra após ingresso num sistema literário. A reação às provocações, que mais uma vez retumbam o clichê Duchamp de relação com as instituições, gerou debate caudaloso no blog do crítico, reunindo analistas e escritores mais novos, como Wellington de Melo. Entre acusações de fascismo, surgiu afirmação de que, afinal, “estamos mesmo em tempo de vômitos”.

Não à toa, Miró é imune ao ultracerebral João Cabral de Melo Neto, “sisudo demais”. Diz que só na entrega sensível a poesia é capaz de chegar até o outro. Nas palavras de Valmir Jordão, há certa produção literária de tergiversação acadêmica que “fica um rococó lindo, mas não tem conteúdo, enquanto o nosso lirismo é cru”. A diferença entre uns e outros, termina Miró, é que os marginais “andam mais de ônibus”. Um gesto de dimensões políticas que, para Cida, se capilariza e não se deteriora. “Miró é o cara que encontra a polis, é a criatura que dialoga com ela. Há alguns poetas que morrem e a cidade não percebe que o perdeu. Feliz é o poeta que, ao morrer, é lembrado por sua aldeia. Sua poesia não morrerá”.

Mas, afinal, chegou o momento em que, como nunca, Miró passa a viver “bem” apenas de poesia. Palestras e profissionalização da poesia como função pedagógica. Chacal, por sua vez, saiu da autoatribuída selvageria para ser “absorvido pelo mercado e pelo sistema”, produzindo eventos e mais palestras. Se, na realidade de 1980, veicular livremente exigia mimeógrafos, fotocópias e organizações civis, hoje livros são menos custosos e competem com redes sociais e blogs – como o *Interpoética*, editado por Cida –, plataformas de clamor democrático. É possível ainda ser marginal?

Valmir Jordão mantém-se como “operário da literatura”, mas põe em xeque a pertinência do termo. “Seria babaquice estar na marginalidade com redes sociais. Seríamos monstros. A situação não é mais a mesma de 30 anos atrás, embora o tratamento ainda seja diferente. Ainda nos diferenciam”, diz, ao condenar a pulverização da crítica. Para Chacal, colhem frutos agridoces de uma democracia capitalista, onde políticas são sempre apaziguadas, para a pena do pensamento crítico.

“Na época da ditadura, o governo militar era o espantalho que a gente queria acertar. Agora temos o mercado, e o inimigo que existia fora da gente passou a ser interior e invisível. Antes, quem se opunha não deixava de integrar o sistema. Hoje, se você não consome, está fora”. Sugere, então: talvez haja diferença fundamental entre os ditos marginais, incorporados à lógica do consumo, e aqueles que, ainda distribuindo panfletos para pagar o ônibus, permanecem invisíveis. Marginais que talvez um dia descubramos.

Recentemente, Lara (um dos artistas-pesquisadores de sua geração) escreveu ensaio em tom de, enfim, manifesto, reposicionado um sentido literário para a marginalidade – termo que, de longe, crítica, em favor da noção de “independência”. Lara usa tom conciliatório, repudiando qualquer extremismo. De um lado, afirma que “nem sempre o mais importante é a obra-prima”. Do outro, que “se há riscos no ‘belo pelo belo’, também há no ‘sujo pelo sujo’, uma tendência contemporânea”. Acredita, porém, que a estruturação do mercado admite meios-termos: “a ‘resistência’, atualmente, pode ser feita por pessoas razoavelmente ‘normais’, assimiláveis pela coletividade”.

Mesmo assim, o andar da carruagem parece ter colocado a própria produção poética na berlinda. “A poesia é marginal desde que Platão expulsou os poetas, mas agora o deus é o mercado e não há mais editora que publique poesias”, diz Valmir Jordão, que está escrevendo livro de contos para “entrar na estratégia”. Chacal, do alto de relativo estrelato maldito, ainda se rebelar: “O poeta, quase como um estigma do bem e do mal, é sempre um marginal. Sua linguagem carece de adeptos”.

Luís Fernando Moura é jornalista.

Talvez ponto inequívoco de interseção tenha sido, como escreveu Francisco Espinhara, o destino-entrega dos autores à miscigenação de vida e obra literária: “Os poetas esquecidos no beco/transam sangue a trago seco/dormem como trapos sobre o chão”, escreveu em referência à Sete de Setembro, rua ponto de encontro para versações sobre política, arte e rebuliços outros. Se havia traços comuns, observa Cida Pedrosa, era “um *modus vivendi*, uma batalha muito física que tinha no corpo e na voz os principais meios de veiculação”.

Já as sínteses estéticas são mais diluídas. Segundo Cida, houve poucas proposições efetivas em termos de uma política de estilo, embora haja pontos de relevo, como a fecunda herança da poesia curta, tal como já ironizou Lara – “Escreva pouco,/seja sintético/e facilmente consumível”. No bojo das análises, é comum que se fale, por exemplo, na poesia bomba de Valmir Jordão ou na crônica urbana de Miró da Muribeca, autor incorporado ao grupo original alguns anos depois.

Como alerta Cida, no entanto, encontrar o limiar profícuo entre estética e *modus vivendi* passou a ser desafio. Para alguns, a arte *per se* teria sido acachapada pelo mítico literato que vai de encontro aos seus leitores onde quer que estejam. “A maior parte deixou uma obra muito boa, mesmo que do ponto de vista mais clínico. Mas, às vezes, pode acontecer da persona de um poeta ofuscar o quanto ele é bom poeta”.

Parte dos marginais pouco ou nada publicou. França, falecido em 2007, era mais categorizado pela vociferação ambulante. Erickson Luna, morto no mesmo ano, lançara seu primeiro livro, *Do moço e do bêbado*, apenas em 2004. Mesmo assim, foi lembrado como o “último dos beatniks”, elegia carinhosa à vida boêmia. Como num universo de Baudelaires ou Jim Morrisons, entender a arte maldita colou-se à exigência de perceber a vida maldita.

“A tradição *gauche*, a produção *beat* tem algo do tipo”, aponta Chacal. “É extremamente romântico o cara da resistência fazer um negócio pra ninguém ler. É heroico ser livre porque não se tem mercado e ser gostado

mais pela atitude, enquanto pouca gente conhece a poesia de fato”.

Deslocar a obra da prática – ou vida – literária, portanto, efeito de metodologia possível para esboçar uma teoria ou uma crítica da produção marginal, talvez possa descreditar certos escritores exatamente por violar o fundamento de que sua produção é equilíbrio entre versos e impacto de versos no mundo, e que só assim pode ser compreendida em seu sentido político. Miró, ilustre *showman* marginal, recentemente foi alvejado.

Num Bairro do Recife assoberbado pela multidão, onde marcou com a reportagem, convida-nos para o árido boteco na Rua Tomazina, pois está “arredio de gente e não aguento mais poeta do meu lado, nem tietagem sem nexos”. No geral, pode ser visto e reimaginado proclamando assertivas socioeconômicas numa reunião abarrotada de moradores em seu bairro. De tempo em tempo, porém, desliga-se do mundo, ordena um destilado e observa as pessoas em volta.

“É na hora da reclusão que eu mais crio. Pego um cara pra ler e, se gosto, dá uma inveja e termina saindo alguma coisa”. Em geral, o olhar denuncia amor e ódio pela cidade, tramitação do cotidiano, observações sobre a urbe de piadas cáusticas e cunho coloquial. No reencontro com o público, impossível não arrancar risos de plateias diversas. “Por que eu vendo? É a ‘corpoeticidade’ (conceito usado por André Telles do Rosário em tese sobre o poeta). Se eu chegar com um livro na mão e me apresentar pra 100 pessoas, vendo 70”.

O carro-chefe das vendas tem exemplares como *Poesia pra pular*, que gerou declaração vulcânica do crítico Bernardo Souto. “Por trás de um ônibus lotado/e uma cadeira vazia/há sempre um grande vômito”, rabisca o poema. No que o crítico ataca: “Ora, podemos constatar, sem grande esforço, que a única diferença do ‘poema’ transcrito acima para um gracejo de um bêbado espirituoso após uma noite de farra é a materialização do texto através da mancha gráfica na página”.

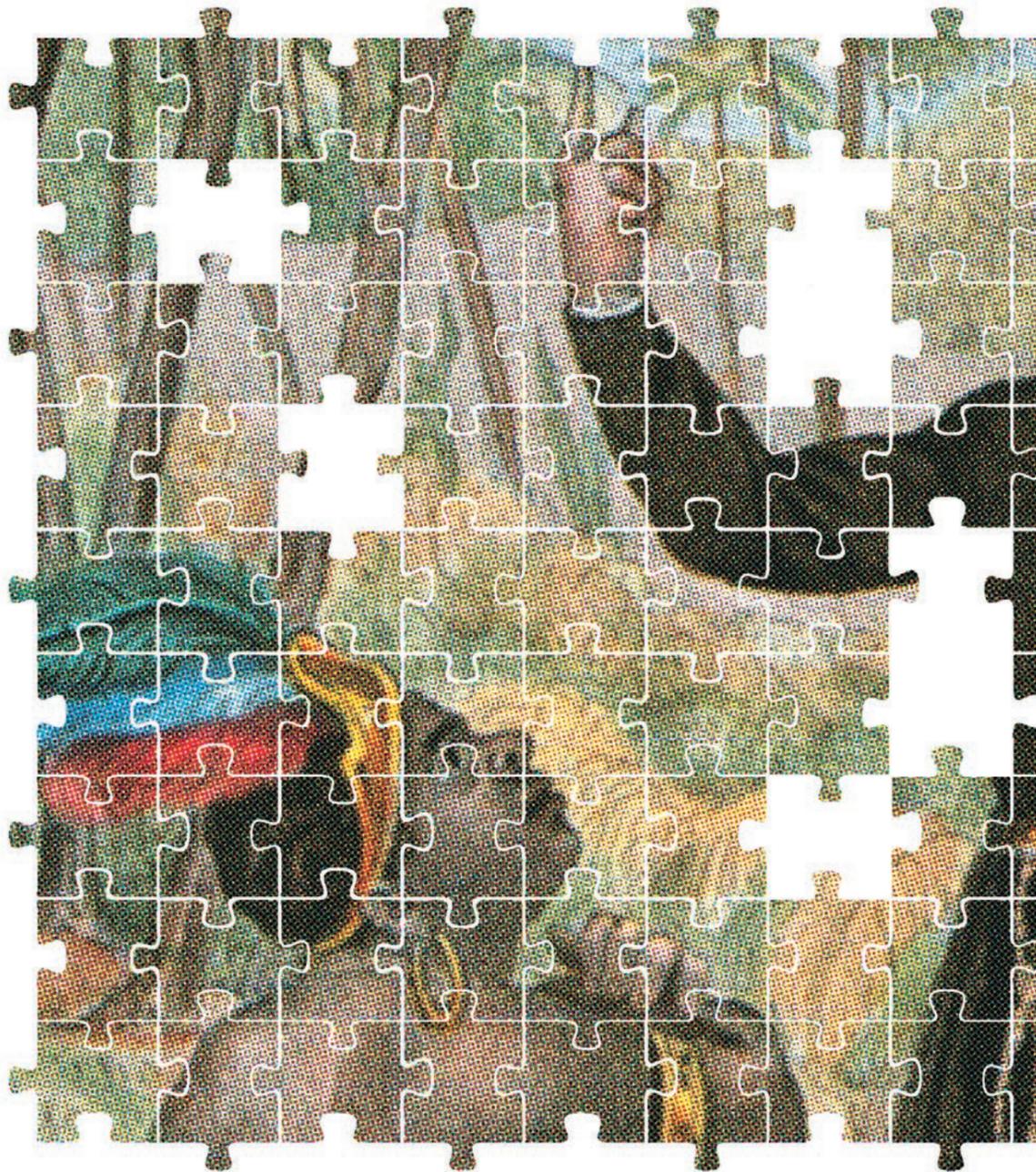
Minando a sugestão luxuriosa de uma inspiração romântica, Bernardo diz que Miró “vomita” seus versos,

## ESPECIAL

# O sonhador intransigente ainda ecoa

Nova edição dos sermões renova nosso olhar sobre a literatura de padre Vieira

Alfredo Cordiviola

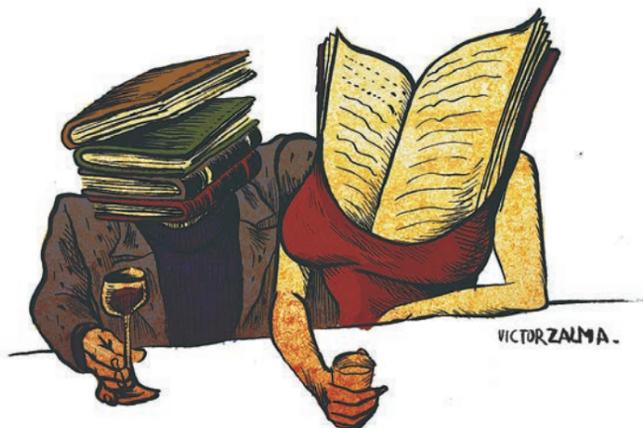


**A evidência indica** que muitas páginas já foram escritas sobre Antônio Vieira. Depois das comemorações pelos 400 anos da sua morte (em 1997) e depois das comemorações pelos 500 anos do seu nascimento (em 2008), alguém poderia pensar que escrever sobre o jesuíta hoje é um exercício fadado a incorrer em repetições e redundâncias. Refutar essa suposição, contudo, não seria difícil, e bastaria mencionar apenas dois argumentos. O primeiro, a série de esmeradas publicações que nos últimos anos colocaram ao alcance dos leitores textos pouco conhecidos ou nunca antes editados integralmente. Os textos proféticos publicados pelo Senado Federal, as *Cartas completas* reunidas pela Editora Globo, os *Autos do processo na inquisição*, compilados pela Edusp, e o *Clavis prophetarum* impresso na Itália são peças fundamentais que, somadas às contribuições de numerosos especialistas como Lúcio de Azevedo, Hernani Cidade, Besselaar, Carvalhão Buescu ou Alcir Pécora, entre outros, insistem em alimentar o renovado interesse pela obra de Vieira. O segundo argumento, igualmente contundente, parte da tremenda força expressiva da prosa vieiriana, que conserva intacta sua capacidade de promover, em diversos tipos de leitores de diversas épocas, um assombro e uma curiosidade que perduram através dos tempos. Seus sermões, cartas, opúsculos e tratados, firmemente ancorados nas vicissitudes e espessuras do século 17, conservam a virtude de defrontar com essa força ao leitor atual. Pode ser pasmoso que um autor que fala da ressurreição dos mortos, da vinda do Messias e da missão redentora a ser cumprida por Portugal se mantenha vigente entre nós. Mas Vieira é esse autor, e seus são os textos que continuam provocando admiração e desconcerto.

Militante de causas nobres e de empresas extravagantes, soldado de batalhas perdidas, orador de todas as argúcias e eloquências, profeta de contratempos e conflagrações, Vieira costuma ser apresentado

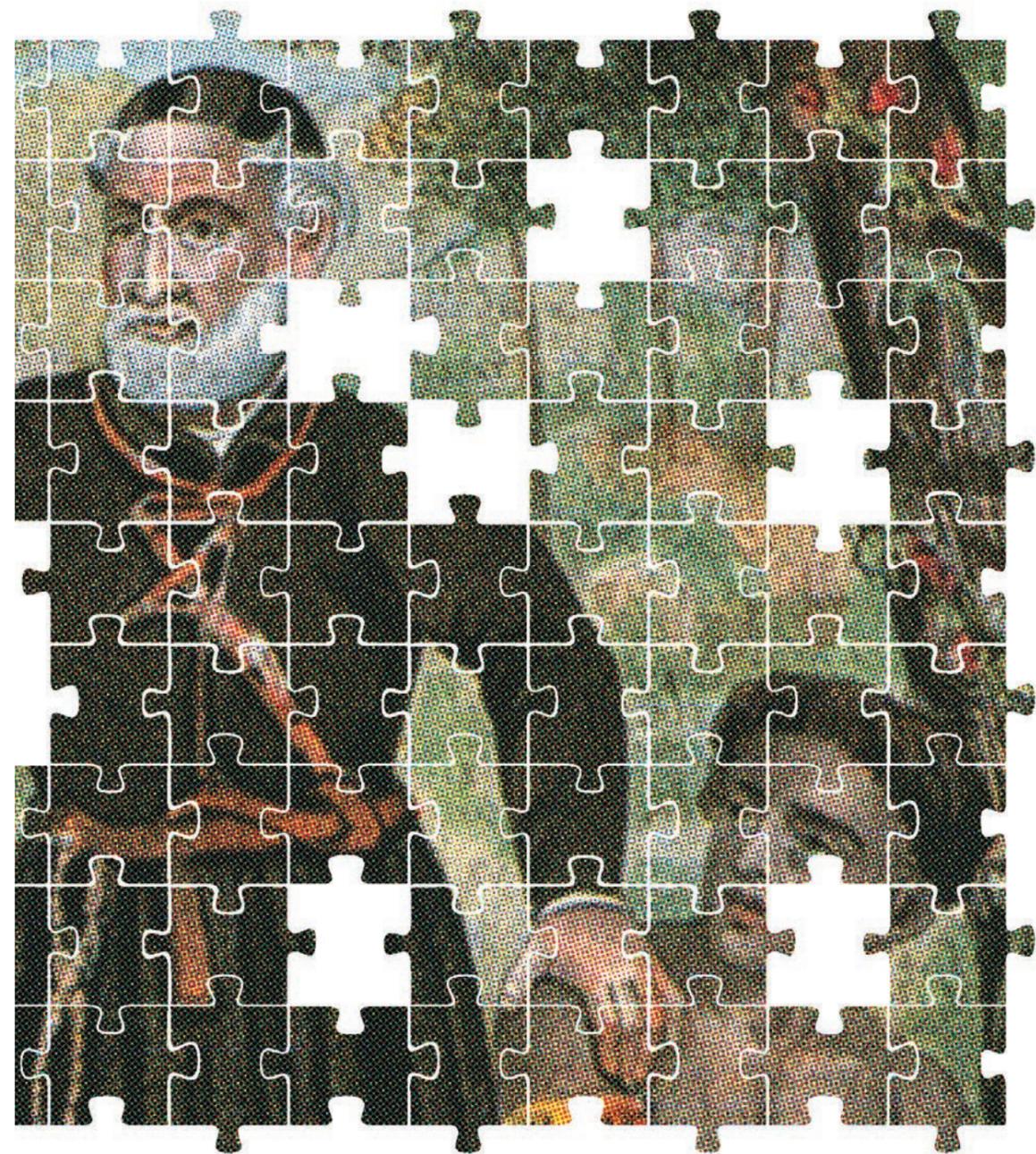
como figura de vida tumultuosa e de obra heterogênea e contraditória. As peripécias que marcam sua trajetória parecem ter sido vividas para favorecer o trabalho dos seus ávidos biógrafos. Do famoso estalo no Colégio à sua atuação como conselheiro de reis e rainhas, das suas intrincadas missões diplomáticas nas cortes europeias aos seus confrontos com os colonos no Grão-Pará, das suas intrépidas viagens de evangelização pelos rios amazônicos à sua fatigosa condição de réu do Santo Ofício, das suas fulgurantes interpelações no púlpito à sua reclusão final na Bahia, a longa vida de Vieira parece estar composta por muitas vidas superpostas e dissimiles. Da mesma forma, quando se examina sua obra, o pragmatismo político que baliza os textos dedicados a lidar com a ocupação holandesa do Brasil entra em colisão com o veemente messianismo dos textos que anunciam a iminente consagração do Quinto Império, e a distinta beligerância dos sermões bate de frente com as mesuradas proposições em defesa de judeus e cristãos-novos. Esses evidentes contrastes e disparidades (que, contudo, nunca são extemporâneos e estão sempre situados em encruzilhadas históricas muito concretas e específicas) podem ser responsáveis por promover a estranheza diante da sua figura, mas ao mesmo tempo (e paradoxalmente), é mediante esses contrastes que podemos entrever as constantes que atravessam o intenso percurso cumprido pelo jesuíta. Constantes que se revelam entre as muitas caras de um Vieira que soube ser homem de mundo e homem de livros, pregador das metrópoles e das colônias, observador de eventos celestes e terrestres, diplomata, conspirador e visionário. Constantes que se condensam e cobram sentido em duas das suas permanentes vocações: a política e a escrita.

Vieira sempre foi um político, um político feito para angariar inimizades e controvérsias, para promover e replicar todo tipo de disputas, muito consciente do papel que lhe correspondia represen-



**-REALMENTE, SÔNIA, SUA VIDA É UM LIVRO ABERTO.**

REPRODUÇÃO



tar nas malhas da colonialidade. Faz política quando sugere entregar Pernambuco aos holandeses; quando alerta sobre a conveniência de convocar os capitalistas judeus para remediar a pobre economia do reino; quando condena as injustiças cometidas contra os indígenas; mas também quando, acuado pelos inquisidores, defende com infinitas citações, argumentos e falácias a função providencial que Portugal desempenharia nos destinos do mundo. Vieira sempre foi um escritor, um devoto da argumentação e da retórica. Escreve quando no final da sua vida revisa e corrige pacientemente os sermões pronunciados no passado; quando, compelido pelas circunstâncias, redige cartas a seus superiores e ao monarca; mas também quando decide empreender um projeto de décadas, que haverá de permanecer fatalmente inconcluso, para fabricar a chave que possa desvendar todos os mistérios ocultos nas palavras dos profetas. No escritor e no político confluem os itinerários divergentes que orbitam em torno do nome próprio de Antonio Vieira. No escritor e no político se reúnem os anseios de quem, como define Alfredo Bosi, “passou a sua longa vida entre os cuidados do presente e os sonhos do futuro”.

Não seria apropriado, portanto, pensar o Vieira que multiplica “sonhos de futuro” como anomalia ou excesso em relação ao Vieira que se ocupa dos “cuidados do presente”. Primeiro, porque o autor considerava que escrever textos visionários como a *História do futuro* era, dentre todas as tarefas possíveis, a mais importante e a mais urgente. Segundo, porque precisamente os textos que abordam os sentidos das profecias e os horizontes do porvir são os que revelam (tanto ou até mais do que os festejados sermões) as verdadeiras dimensões da figura do jesuíta em toda sua complexidade. Se Vieira não tivesse escrito seus textos sobre profecia quiçá continuaria sendo imperador da língua portuguesa, conforme o título concedido por Fernando Pessoa. Continuaría

certamente sendo um estilista notável, um letrado arguto e engenhoso, um exegeta audaz, uma figura emblemática da Companhia, um barroco por antonomásia. Difícilmente, porém, seria isso que foi, isso que é, hoje, Antônio Vieira.

Nos textos proféticos, Vieira exhibe seus altos dotes de sonhador. Sonhar para o jesuíta não se reduz a inventar mundos ilusórios nem a fugir das inquietações do real. Pelo contrário, o sonho é, para o escritor e para o político, a ferramenta para se inserir plena e porfiadamente nas derivas do presente. Seus textos proféticos revelam um duplo movimento: como correspondem a esse tipo de discurso antecipatório, anunciam o que virá a acontecer, mas também mostram os caminhos, as evidências e as deduções que permitiram formular tais anúncios. Esse duplo mecanismo pode ser claramente observado, por exemplo, na carta que Vieira escreve em abril de 1659 ao Bispo do Japão e confessor da rainha D. Luísa, o padre André Fernandes.

Dentre a enorme quantidade de cartas escritas pelo autor, esta é sem dúvida uma das mais singulares. Suas singularidades derivam do local em que foi redigida (“Camutá, no caminho do rio das Amazonas”), do tema extensivamente abordado (o advento do Quinto Império do Mundo) e do momento em que foi elaborada, um momento crucial na vida de Vieira. Antes, em 1656, tinha morrido D. João IV, em quem o jesuíta depositava todas suas esperanças. Depois, em 1661, o missionário, que tantos ressentimentos despertara no Maranhão e no Pará por sua defesa dos indígenas, seria expulso do Brasil. Dois anos depois da deportação, começaria o longo processo movido pela Inquisição contra suas ideias consideradas judaizantes e heréticas, processo no qual esta carta de 1659 constaria como prova de delito.

Um dos objetivos que a carta persegue é demonstrar a veracidade das profecias de Bandarra, o sapateiro de Trancoso que anunciara o retorno do Encoberto. O ou-

tro objetivo, ainda mais árduo, consistia em postular que o Desejado que tantas felicidades depararia ao mundo não seria D. Sebastião, mas o próprio D. João IV que acabava de falecer. Ambos os propósitos se articulam no curioso “silogismo fundamental” que Vieira propõe: “O Bandarra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-Rei D. João IV há de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando: logo El-Rei D. João, o quarto, há de ressuscitar”. Partindo deste silogismo, toda a carta se constitui como uma longa e meditada glosa das premissas expostas.

Para demonstrar que Bandarra era um iluminado verdadeiro (e não um “leigo, casado, idiota e de baixo ofício e condição”, mero emissor de “palavras confusas, dúbias e perplexas”, segundo opinará o tribunal), Vieira analisa e interpreta os sonhos, articulados em herméticas trovas, do sapateiro. Menciona circunstâncias passadas que supostamente teriam sido previstas pelo humilde vidente, e alega que, se Bandarra foi capaz de prever esses fatos, seria então adequado supor que outros eventos prognosticados iriam igualmente ocorrer. Por exemplo, a derrota dos turcos, a conversão dos gentios, o ressurgimento das tribos perdidas de Israel (tema que o jesuíta tinha discutido uma década antes em Amsterdam com o rabino Menasseh bem Israel), a redução dos judeus, a instauração da era feliz do Quinto Império e a batalha final contra o Anticristo. Tudo isso, segundo a leitura que Vieira faz dos anúncios de Bandarra, estaria a ponto de começar a acontecer: “o prazo determinado para o cumprimento das suas profecias e dos prodígios prometidos nelas” seria o apocalíptico ano de 1666. Contudo, para que essas maravilhas pudessem realmente sobreviver, era necessário que antes ressuscitasse o encarregado de comandar os destinos da humanidade, o Restaurador, o rei dos portugueses, o ainda encoberto D. João IV. Vieira afirma que muitos homens (25, segundo São Francisco Xavier) já tinham ressuscitado, e que, portanto, seria néscio quem não aceitasse que o rei pudesse retornar, mas ainda em se tratando de um propósito “tão universal e tão extraordinário e o maior que nunca teve o mundo”. “Ressuscitará sem dúvida El-Rei D. João”, escreve Vieira na carta, “e a sua ressurreição será o meio mais fácil de conciliar o respeito e obediência de todas as nações de Europa (...). E este estupendo prodígio, visto com os olhos, será o que abrirá a porta à fé e execução de todos os outros”.

Desse modo, na carta de 1659, como nos outros textos que dissertavam sobre o futuro, Vieira se reserva o lugar do intérprete privilegiado, aquele que soube decifrar os anúncios revelados pelos profetas. Daniel, Isaías, Ezequiel, Bandarra tinham sido escolhidos pela Providência para vaticinar as formas do porvir. Munido da “razão natural”, Vieira se coloca como o encarregado de desvendar o sentido verdadeiro e completo das palavras anunciadas. “Dilata e fructifica” as profecias, para que seus contemporâneos soubessem tudo aquilo que ele já sabia.

Os inquisidores consideraram que suas opiniões eram produto de um entendimento “temerário, fátuo, escandaloso, errôneo”. Os cétricos dirão que nem em 1666 nem depois aconteceram os eventos pressagiados pelo jesuíta. Vieira, entretanto, continua multiplicando suas interpretações, sem nunca aceitar “e nisso consiste a sua grandeza e também a sua desmesura – que o engano é um fantasma capaz de condenar todos os intérpretes. Com a força dessas argumentações, continua formulando suas promessas divinas, nas quais “acharão os aflictos alívio, os tristes consolação, os atribulados remédio, os combatidos socorro, os desconfiados esperança, paciência, constância e fortaleza”. Com o material dessas promessas, Vieira, o sonhador intransigente, continua sonhando.

Alfredo Cordiviola, professor titular do Departamento de Letras da UFPE

## O LIVRO



**Padre Antônio Vieira — Essencial**  
 Editora Companhia das Letras  
 Páginas 760  
 Preço R\$ 35

## ESPECIAL

# Vieira, político, politiqueiro e contraditório

Nova biografia procura registrar a complexa personalidade do religioso

José Ernani Souto Andrade

**Todas as épocas históricas** têm características dominantes que definem sua identidade. Entretanto, confirmando o princípio dialético das coisas, têm, também, significativas contradições. Seja qual for o corte histórico que se utilizar, sempre haverá em seu bojo contradições, inclusive antagônicas. Ao analisar um personagem histórico, necessário se faz contextualizá-lo, levando em conta sua posição econômica, social, política, religiosa etc, no tempo e no espaço. As ideias e as ações dos personagens se desenvolvem em função dessa realidade.

Os estudos centrados em pessoas, mesmo aqueles frutos de intensas pesquisas e de boa reconstituição temporal, às vezes destacam somente os aspectos positivos ou negativos, procurando justificá-los; a inconstância humana é escamoteada. Entendemos que todo ator significativo da história é fruto das ambiguidades postas no universo em que vive, sem esquecer, todavia, suas particularidades enquanto indivíduo. Assim, a capacidade de entender novas situações conjunturais e posicionar-se diante delas, sem cair no tão conhecido oportunismo, é definidora das grandes personalidades.

O livro *Antônio Vieira: jesuíta do rei* (Companhia das Letras, 2011), do professor Ronaldo Vainfas, consegue não só contextualizar o célebre padre em sua época, como dissecar as disparidades entre o discurso e a prática, as ideias e a obra, enfim, fraquezas e grandezas da condição humana desse biografado “multifacetado”.

Mais conhecido como grande marco da literatura portuguesa, homem barroco e erudito, e como missionário catequizador de índios, Vieira foi também político, politiqueiro, diplomata, pacificador, agitador, vidente e, sobretudo (como sugere a obra de Vainfas), jesuíta. Seus escritos permanecem como fonte de estudos pelos mais diversos ramos do conhecimento humano. Aqui, pretendemos uma abordagem de sua figura sob o ponto de vista da história.

No século 17, do qual Vieira foi testemunha privilegiada e personagem ativo – nasceu em 1608 e morreu em 1697 – consolida-se o sistema colonial no Brasil, baseado em latifúndio, escravismo, monocultura e economia exportadora. No plano internacional, os grandes impérios coloniais (Portugal, Espanha, Holanda, França e Inglaterra) se digladiam entre si com alianças intempestivas, atingindo, logicamente, as colônias. Diversos fatores como a Reforma Protestante, a Contrarreforma e o judaísmo servem como justificativa para disputas de interesses econômicos, políticos e pessoais.

O projeto dos holandeses de ampliação do seu domínio colonial, facilitado pela União Ibérica (1580 – 1640), leva à invasão do Brasil, onde já havia toda uma estrutura de produção com reciprocidade de negócios entre flamengos e luso-brasileiros. As perseguições a judeus e cristãos-novos expulsam da Península Ibérica preciosos capitais que vão dinamizar outras áreas, onde o espírito do capitalismo contido no calvinismo não se interessa pelas origens religiosas dos seus empreendedores.

No Brasil Colônia havia, segundo Nelson Werneck Sodré, uma “aparente placidez”. De fato, lutas entre índios e colonos, colonos e negros, grupos étnicos e outros setores sociais marcaram todo o período. Restringindo-nos ao século 17, citaríamos a conquista do Sertão nordestino, as guerras contra os holandeses, as bandeiras no sudeste, a economia extrativa no Maranhão e na Amazônia, as lutas contra o Quilombo dos Palmares e a Guerra dos Bárbaros. Todos os citados denotam contradições internas e externas; o cotidiano da Colônia, portanto, não era nada “plácido”. Muito pelo contrário...

Escravidão indígena, escravidão negra, catequese, resistência às dominações, invasões estrangeiras e Santo Ofício são os mais cadentes problemas do País no século 17. Vieira envolveu-se apaixonadamente em todos eles, tanto na sua obra escrita quanto nas



suas ações enquanto personagem. Às vezes contraditório, mas sempre dando ênfase à defesa do reino português como um todo e a hierarquia religiosa, política e social.

Quanto à crise econômica e política portuguesa, atua efetivamente na Restauração (1640), tornando-se conselheiro, embaixador e, mais tarde, até “ressuscitador” de D. João IV. Na economia, tenta contornar a pressão da Inquisição sobre os judeus e cristãos-novos, como forma de garantir capitais para o soerguimento de Portugal. No ímpeto desse ressurgimento, Vieira prevê a criação do Quinto Império, com Portugal à frente sob o comando de um D. João IV “ressuscitado”. Esta seria sua própria espécie de sebastianismo, influenciada pelas trovas do sapateiro Bandarra. Essa fidelidade ao monarca e à Companhia de Jesus é explicitada no subtítulo do livro de Vainfas.

No que diz respeito à escravidão, mais sinais da contradição que era o jesuíta. Vieira condenava a indígena, mas justificava a negra. “No caso dos índios, escravidão e catequese se opunham; no caso dos africanos, complementavam-se”, diz Vainfas. Essa visão era certamente alicerçada na versão bíblica (*Gênesis*, 9, 18-28) onde Noé amaldiçoa os descendentes de seu neto Canaã, filho de Cam, estabelecendo que seriam escravos dos descendentes de Sem e de Jafé. Escravistas explicam a restauração plena da instituição, em quase total desuso na Idade Média, com diversas variantes dessa versão.

Ora, sendo os negros identificados com os camitas ou hamitas, descendentes de Cam, estariam condenados ao ócio, ao vício, ao crime e, conseqüentemente, à condenação eterna. Todavia, aos “não amaldiçoados” caberia a sublime missão de salvar a alma desses indivíduos, metendo-os à condição de servos através do trabalho, da disciplina e da doutrina religiosa. Assim sendo, o senhor tinha obrigação de tirá-los da “selvageria” e discipliná-los, ocupando-os e castigando-os quando preciso; ensinando-lhes o caminho da salvação. Enfim, deveria lhe dar o pão (*panis*), a disciplina (*disciplina*) e o trabalho (*opus*); mais ainda, a glória dos pretos residia na condição de escravos. Vieira chega a pregar que eles deviam agradecer a Deus por terem sido retirados da gentildade, instruídos na fé e, assim, puderem ganhar a salvação eterna.

E em relação aos excessos, sobretudo nos castigos? O padre Jorge Benci SJ (*Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*. Editora Grijalbo, 1977), contemporâneo e amigo de Vieira, tido por alguns como “reformador” da escravidão no século 17, aconselha prudência, afirmando que “o castigo dos escravos não deve passar de prisões e açoites moderados”. Curioso como, apesar de defender a escravidão, Benci adverte aos senhores para que “não induzam seus servos ao pecado, para que não usem de sevícias ao castigá-los e que o trabalho deles não deve ser agressivo e superior a suas forças; devem dar trabalho aos servos para que não se façam insolentes a Deus”. Ser senhor, para ele, mais que direitos e vantagens, implica em obrigações e sacrifícios. Vieira defendeu tudo isso desde seu famoso sermão na capela de um engenho, em 1633, até o seu parecer contrário a qualquer negociação com os palmarinos, em 1691.

Outra curiosidade do comportamento do inquieto jesuíta: Tridentino em relação aos protestantes, mas tolerante quanto aos judeus e cristãos-novos. Ainda que haja notícias de uma avó “índia” ou mulata e outra de possível origem hebraica, a impressão é que essa tolerância era mais por conta da importância que ele via neles para a sobrevivência e o ressurgimento de Portugal. Esse seu “ecumenismo”, portanto, era, tudo indica, mais pragmático que atávico. Isso, mais os escritos proféticos, as disputas palacianas e as querelas dentro da própria Companhia, vão servir de munição para enredá-lo no Santo Ofício que o condenou a sério confinamento. Posteriormente, uma reviravolta no palácio, com a queda de D. Afonso VI e ascensão de D. Pedro II (de Portugal) cria uma correlação de forças que leva ao fim da punição.

Como conselheiro e embaixador de Portugal sua preocupação maior era evitar a derrota do País frente à Espanha e uma guerra contra os holandeses por conta da resistência local e a conseqüente expulsão deles de Pernambuco. Nesse mister, muda de opinião e de proposta várias vezes. Contrário à In-



REPRODUÇÃO

surreição Pernambucana, propõe comprar, com a ajuda de cristãos e judeus, o Brasil Holandês. Logo em seguida, sugere a entrega pura e simples para evitar uma segunda frente de batalha.

O retorno ao Brasil, mais precisamente ao Maranhão (1653) como Superior das Missões é o apogeu do Vieira missionário, “defensor” dos índios e vidente do Quinto Império. De volta a Portugal, é envolvido novamente em processos do Santo Ofício, esteve preso e teve vitórias alternadas com derrotas nas lutas contra seus inimigos. Em 1681, com o restabelecimento do Santo Ofício, resolve voltar à Bahia, onde vive até sua morte, em 1697.

Nessa última fase da sua vida, teve momentos de prostração, conheceu o poeta Gregório de Matos, e foi, durante três anos, visitador da Companhia; meteu-se em polêmicas com governadores da Bahia, tomou posição contra negociações com os quilombolas dos Palmares e escreveu outros trabalhos; entrou em choque com membros da Companhia, como Antonil e Benci, e preparou os *Sermões* para publicação.

Personagem “multifacetado”, em sua época, foi demonizado por uns e santificado por outros. Fonte riquíssima de estudos e versões – atilado, mordaz, criativo, desafiador, delirante, autêntico, traidor, gênio – só consegue unanimidade como escritor maior, “imperador da língua portuguesa”.

Muitos, portanto, são os trabalhos sobre o notável jesuíta. Modelo no escrever e no comunicar, é importante para a linguística e a literatura. Obediente à hierarquia da Companhia de Jesus e do reino português, contestava-os em várias ocasiões para gáudio dos polemistas de todas as épocas. Do ponto de vista da história, atua numa clara demonstração de quem acredita na possibilidade de mudar o rumo do processo, às vezes de forma desastrosa e sonhadora.

O professor Ronaldo Vainfas, ao utilizar-se de método e técnicas inteligíveis e eficazes, conse-

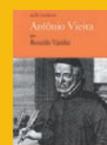
gue, no livro já citado, dar uma contribuição importante ao tema e à historiografia brasileira. A coleção *Perfis brasileiros*, da Companhia das Letras, em títulos anteriores, já mostrava claro interesse em aprofundar os estudos de figuras marcantes do País, como D. Pedro I, Getúlio Vargas, Maurício de Nassau, Joaquim Nabuco, entre outros. A orientação desses trabalhos se diferencia do estilo biográfico tradicional, fugindo das louvações e/ou críticas exageradas, preferindo analisar os personagens e sua época em suas reciprocidades.

Vainfas reconstitui o tempo histórico do século 17 e o biografado em suas várias dimensões, sem esquecer as permanências e mudanças. Uma permanência destacada em Vieira é sua fidelidade básica à Companhia de Jesus e ao reino português. Suas contestações são sempre em fundação de transformações da realidade objetiva, continuando incondicionalmente jesuíta e luso-brasileiro.

Outro destaque do título é não padecer do engessamento de alguns trabalhos, sobretudo alguns acadêmicos, por conta de notas de rodapé e outras minudências “oficiais”. Nada disso compromete a forma como o autor manuseia citações, opiniões de outros e informações, sempre com exatidão e clareza.

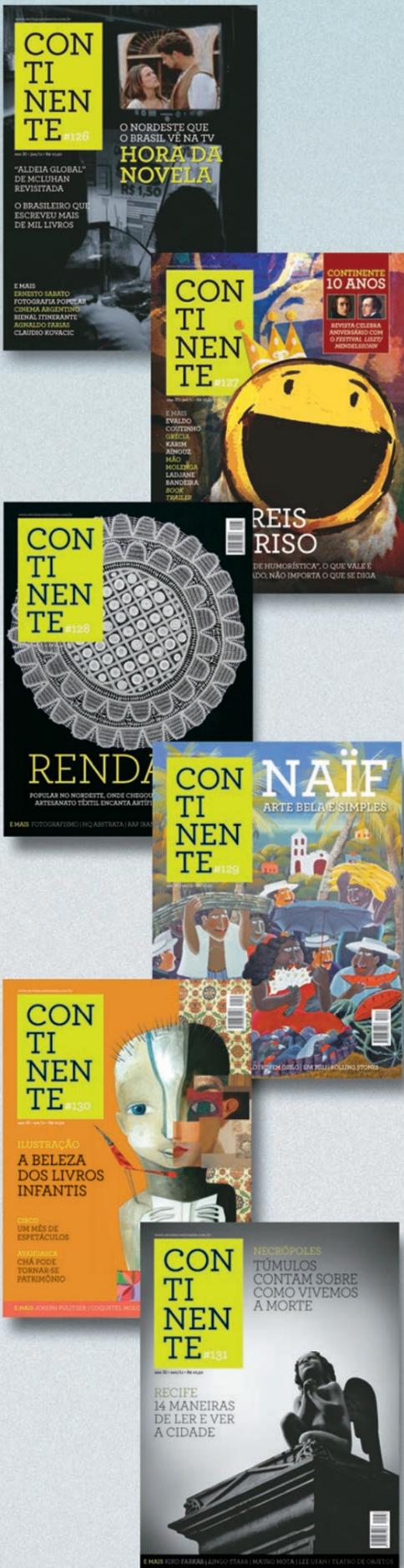
**José Ernani Souto Andrade** é professor de história na Universidade Católica de Pernambuco

## O LIVRO



**Antônio Vieira: jesuíta do rei**  
Editora Companhia das Letras  
Páginas 352  
Preço R\$ 44

# HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



**Assine.**

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

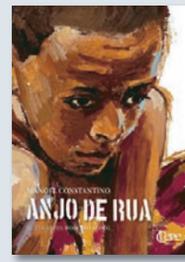
e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



**O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL**  
Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

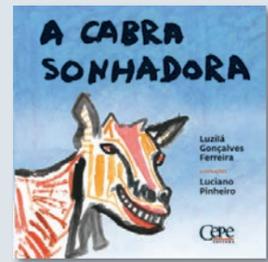
R\$ 15,00



**ANJO DE RUA**  
Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R\$ 20,00



**A CABRA SONHADORA**  
Luzilá Gonçalves Ferreira

A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R\$ 15,00



**O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX**  
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



**PONTES E IDEIAS**  
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

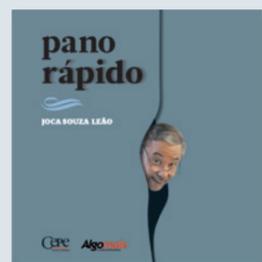
R\$ 60,00



**AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE**  
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



**PANO RÁPIDO**  
Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algômais*.

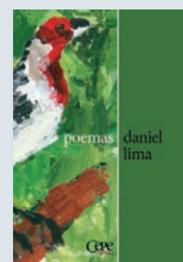
R\$ 40,00



**TAPACURÁ**  
Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

R\$ 15,00



**POEMAS**  
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

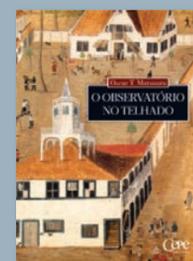
R\$ 45,00



**TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA**  
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00  
(box com 2 volumes)



**O OBSERVATÓRIO NO TELHADO**  
Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R\$ 25,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

# INÉDITOS

Ana Guadalupe

## torta

após a agonia vem o alívio  
em camadas bem dispostas:  
cadáveres, desníveis

ah, se as coisas palpáveis  
marcassem encontros  
com as coisas possíveis

## sem querer elisa

sem querer elisa  
tropeça no tapete  
a caminho da cozinha  
à meia-noite

sem querer elisa  
esqueceu as calcinhas  
lavadas no banheiro  
há 3 semanas

sem querer elisa  
no quarto da frente  
borrifa saliva  
nas folhas

## passé composé

subiu as escadas  
pra perguntar sobre as palavras  
derrubadas pelo meu sotaque

afirmei que meu amor é  
enorme, um móbile  
perdido entre arandelas;

disse que meu amor é  
firme, retorna com maçãs  
e canela nas pernas;

se perguntasse sobre a  
fertilidade, os perni-  
longos, a falta de sorte,

responderia que meu amor é  
forte, chacoalha as árvores  
sempre que parte.

## resultado da busca

melhor não  
falar nada

a imaginar por  
horas você triste  
no ônibus

as pessoas rindo  
da sua camisa  
de banda

eu rindo  
da sua camisa  
de banda

eu rindo  
das suas  
camisas todas

melhor não  
falar nada

a ficar procurando  
seu nome  
no google

### SOBRE A AUTORA

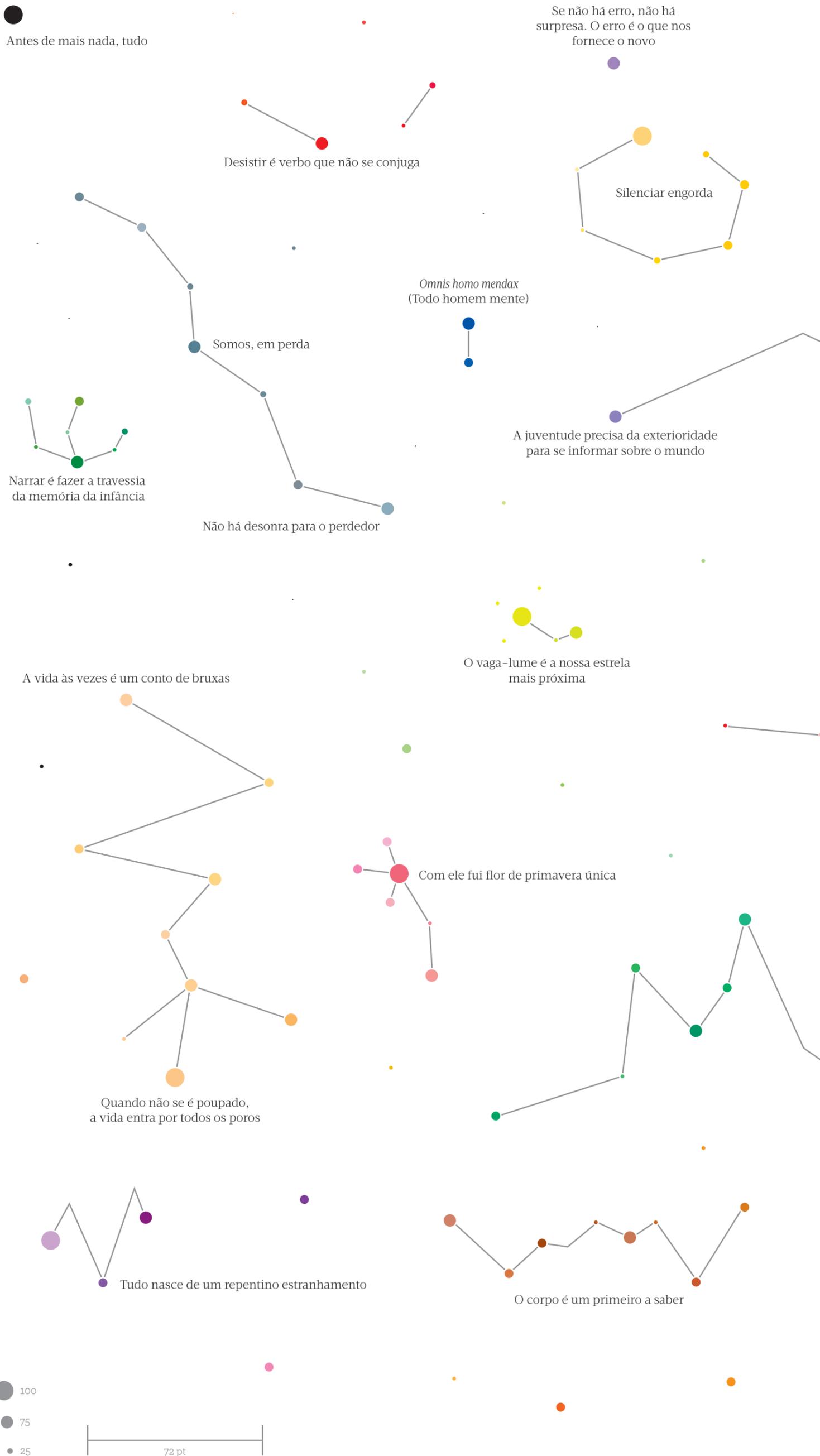
Ana Guadalupe é autora do blog *welcomehomeroyx.interbarney.com* e publicou a coleção de poemas *Relógio de pulso*, pela 7 Letras

# INÉDITOS

Lívia Garcia-Roza

## SOBRE A AUTORA

Lívia Garcia-Roza é autora do livro *Faces*, pela Editora Record. Essas frases foram coletadas no seu perfil no Facebook



Imaginar é ultrapassar a razão.  
É subverter a razão

Os encontros são eternos.  
Prosseguir ou não já é outra história.  
Bem outra

Alguns amadurecem; outros envelhecem

Por melhor que tenha sido a escolha  
ela será sempre insatisfatória

O silêncio tem várias portas,  
cada qual dá para uma maior

Bastou um olhar, e o tempo foi para o espaço

Escolher é também dizer não

Meu pai queria erguer um monumento  
à sua memória que se fora

Estou completamente só; de você

Desejar cansa

Hoje sei que morrer nunca é completamente

O que não dura é eterno

Estás. E isso é tudo

# RESENHAS

JANIO SANTOS

## Todo mundo procura tudo o tempo inteiro

Em seu primeiro romance, Julián Fuks nos lembra que escritores também são ótimos detetives

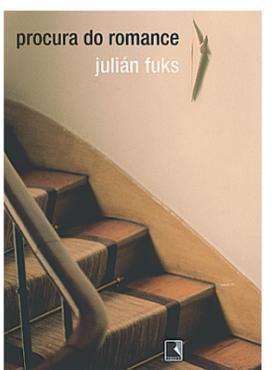
Schneider Carpeggiani

Estamos de volta ao local do crime, ao momento em que o escritor chileno Roberto Bolaño revelou que seu desejo maior não era a escrita, mas a investigação policial. Que ele gostaria de ter sido alguém capaz de retornar sozinho, no meio da madrugada, em busca de mais e melhores pistas. Sonhava em ficar parado diante do corpo, antes da chegada de outros colegas ou de possíveis testemunhas. Escorregar em poças de sangue e descobrir os porquês do criminoso, talvez mais que sua real identidade. A declaração de Bolaño de que gostaria de ser investigador de polícia tornou-se uma das mais iluminadas para entendermos a literatura contemporânea: na verdade, todos os escritores são detetives, de uma forma ou de outra. Procuram a palavra ideal, se assustam, mas precisam seguir sombras desconhecidas e não podem exorcizar fantasmas: deles é

feita a literatura. O importante não é capturar o criminoso, mas fazer o “trauma” do crime ecoar. O paulistano Julián Fuks foi um grande “detetive” na sua estreia com os contos de *Histórias de literatura e cegueira*, uma das melhores surpresas da literatura brasileira da década passada. Lançando mão de apócrifas biografias de James Joyce, Jorge Luis Borges e João Cabral, Fuks procurou compreender como se ergue um mundo no escuro, como é a experiência de olhar sem ver, quando a ficção é feita justamente de um olhar “através”, que muitas vezes depende de uma certa “cegueira” perante o real. Seu novo livro, *procura do romance* (sim, escrito em minúsculas, talvez para não “hierarquizar” sua busca), persiste no tema da investigação. Como se encontra o tema de um livro? Como gerar interesse

com as metáforas de sempre, quando todos os recursos poéticos já parecem ter sido usados? Enigmas que só um detetive-escritor, um detetive selvagem, parece capaz de responder – ou melhor dizendo: de elaborar de forma mais exata esses mesmos enigmas. “*Trajiste la llave?*” é a pergunta que abre o romance, nos esclarecendo (esclarecendo?) o quanto a obra é um longo questionamento sobre os mecanismos que dividem o mundo entre realidade e fantasia, entre memória e criação. O alter ego do autor está enclausurado (talvez sem a tal da chave) numa Buenos Aires silenciosa e mofada, em busca de um livro que ele próprio não sabe se vai conseguir escrever. Mas escrever para quê mesmo? “Existe uma história? Se a infável instância da experiência tão logo se dilui em nada, turva lágrima e densa névoa,

antes mesmo de se deixar perceber, compreender, concatenar a outros domínios igualmente evanescentes. Existe uma história? Se o tempo, com tal empenho e desfatez, cuida de dissolver também as marcas físicas dos acontecimentos antológicos ou corriqueiros” – se perturba, no seu labirinto com minotauro.



**ROMANCE**  
*procura do romance*  
Autor – Julián Fuks  
Editora – Record  
Preço – R\$ 32,90  
Páginas – 144

**Mariza Pontes**

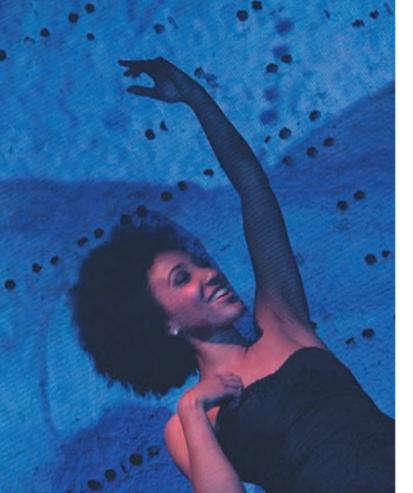
**NOTAS DE RODAPÉ**

### ESPECTÁCULO

## O teatro, a poesia e a literatura dialogam nos palcos do Recife, Olinda e Caruaru

A poesia caótica, iconoclasta e erudita do curitibano Paulo Leminski é a matéria prima da peça *Metamorfose Leminski - Reflexões de um herói que não quer virar pedra* (foto), que integra o 18º Janeiro de Grandes Espetáculos, dias 16 e 17, no Teatro Hermilo Borba Filho. Dirigida por Edson Bueno, a montagem do Grupo Delrírio Cia. de Teatro, de Curitiba (PR), propõe uma reflexão sobre a

aventura humana, a partir da mitologia grega, fazendo uma releitura de personagens como Medusa, Édipo, Teseu, Narciso, Centauros e Titãs, dando-lhes um significado psicológico, mais ilógico do que lógico, enquanto constrói novas imagens. O festival está em cartaz até o dia 29, promovido pela Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco – Apapece.



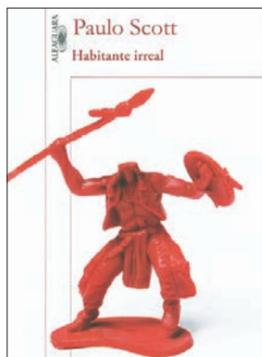
DIVULGAÇÃO



## O Brasil de anteontem

Com seis livros já publicados, o escritor e poeta gaúcho Paulo Scott lançou, no final do ano passado, *Habitante irreal*, narrativa vencedora do programa de bolsa de criação literária da Petrobras. Com edição cuidadosa da Alfaguara, a obra conta a história de Paulo, um estudante de Direito e militante político do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1989. Em Porto Alegre, primeira capital a ser governada pelo partido, Paulo vive o paradoxo de estagiar em um escritório de advocacia e vivenciar encontros políticos clandestinos, dos quais se vê cada vez mais distante e desiludido. Um dia, em uma estrada no interior do estado, ele vê uma pequena índia segurando alguns jornais e revistas debaixo da chuva. Resolve dar carona para ela, modificando completamente a vida dos dois. Apaixonado por Maina,

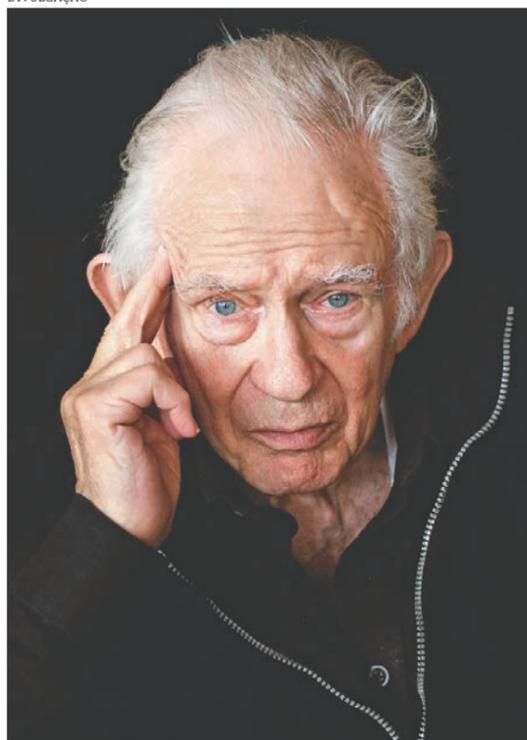
Paulo começa a tomar rumos radicais nas suas escolhas pessoais – abandona o trabalho e a militância – e termina interferindo na vida da garota de 14 anos. Além de uma narrativa voraz e veloz, *Habitante irreal* é um registro do momento político e social dos anos 1980 e 1990. **(Diogo Guedes)**



### ROMANCE

**Habitante irreal**  
Autor – Paulo Scott  
Editora – Alfaguara  
Preço – R\$ 40,00  
Páginas – 262

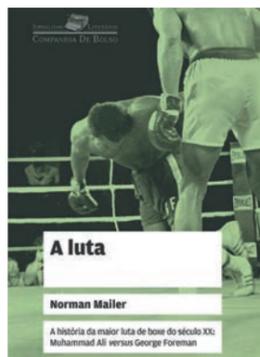
DIVULGAÇÃO



## Mailer põe a nocaute

Um grande escritor nos arrebatava não pela história em si, mas pela forma como decide contá-la, pelas palavras que escolhe usar. Foi o caso da sacada genial de Gabriel García Márquez, que, já no título de um dos seus livros, contou para o leitor o destino da sua personagem principal, *Crônica de uma morte anunciada*. É o que também faz Norman Mailer (Prêmio Pulitzer em 1969 e 1980) ao descrever aquela que foi a disputa de boxe do século, em *A luta*, que ganha nova edição agora pela Companhia das Letras. Em 1974, Muhammad Ali, que perdera o título mundial dos pesos pesados por se recusar a lutar no Vietnã, desafiou o campeão George Foreman: é a autonomia negra versus o establishment branco. O mestre

do novo jornalismo conseguiu a proeza de nos detalhar um dos embates esportivos mais famosos, como se nenhum de nós conhecesse o vencedor. Uma obra incontornável para quem quer aprender técnicas de como “conquistar” a atenção de um leitor. **(Schneider Carpegiani)**



### JORNALISMO

**A luta**  
Autor – Norman Mailer  
Editora – Companhia das Letras  
Preço – R\$ 24,00  
Páginas – 232

## PRATELEIRA

### FIGURAS DA VIOLÊNCIA: ENSAIOS SOBRE NARRATIVA, ÉTICA E MÚSICA POPULAR

A partir da história e literatura latino-americana contemporâneas, o autor analisa como os temas da violência, tortura, verdade e guerra se relacionam com a literatura, ética, música, filosofia e teoria política. Ele analisa também os vínculos entre as instâncias jurídica, política, literária e retórica da violência, rejeitando explicações funcionalistas ou baseadas em modelos de causa e efeito, e debate questões levantadas por Derrida, Virilio, Scarry, Nussbaum, Borges e Benjamin, entre outros.



**Organizador:** Idelber Avelar  
**Editora:** UFMG  
**Páginas:** 268  
**Preço:** R\$ 42,00

### BRÛNHILDE E A SAGA DO ANEL

O argentino Jorge Luján escreveu uma versão poética para crianças da obra de Richard Wagner, que se inspirou em sagas nórdicas e na *Canção do Nibelungo*, do século 13, para compor *O ciclo do anel*, integrado por quatro óperas. A história apresenta Brünhilde, heróina de um drama que marca o fim da era dos deuses e o começo da humanidade. A versão ilustrada por Linda Wolfsgruber, baseia-se na musicalidade da saga, que envolve amor, ódio, incesto, trapaças, luxúria e outros elementos universais atemporais.



**Autor:** Jorge Luján  
**Editora:** SM  
**Páginas:** 96  
**Preço:** R\$ 33,00

### O ESPETÁCULO MAIS TRISTE DA TERRA - O INCÊNDIO DO GRAN CIRCO NORTE-AMERICANO

O livro-reportagem do repórter Mauro Ventura reconstituiu a tragédia do Gran Circo Norte-Americano, que pegou fogo durante a matinê, há 50 anos, quando mais de três mil pessoas assistiam ao espetáculo, em Niterói, então capital do Rio de Janeiro. Nunca se soube se foi acidente ou crime. O livro caracteriza o ambiente político do Brasil, pós-renúncia de Jânio Quadros, e relata histórias de dor e heroísmo, solidariedade e oportunismo, em mais de 150 entrevistas.



**Autor:** Mauro Ventura  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Páginas:** 352  
**Preço:** R\$ 46,00

### O CHAMADO DO MONSTRO

O livro de Patrick Ness baseia-se na ideia original de Siobhan Dowd, que morreu durante o processo de elaboração do livro. Conta a história de um adolescente obrigado a amadurecer precocemente ao enfrentar a perda da mãe, a convivência com adultos difíceis e problemas de *bullying* na escola. Apesar do estilo direto do autor, é o tipo de livro bom para ler nas férias e se debulhar em lágrimas. Ilustrações de Jim Kay e tradução de Antônio Xerxenesky.



**Autor:** Patrick Ness  
**Editora:** Ática  
**Páginas:** 216  
**Preço:** R\$ 33,90

### UNIVERSO FEMININO

#### Peça com Hermila Guedes baseia-se em livro de contos

Outra peça do festival é *Essa febre que não passa*, baseada em cinco contos do livro homônimo da jornalista Luce Pereira, dirigida por André Brasileiro e Marcondes Lima. A realização é do Coletivo Angu de Teatro, do Recife, que mantém a crítica social e lança com humor um olhar aguçado sobre o universo feminino. Será apresentada no dia 26, também no Teatro Hermilo, às 19h, com ingressos a R\$ 10.

### INTERPOÉTICA

#### Site de novos autores tem um milhão de acessos

A turma do Portal Interpoética ([www.interpoetica.com.br](http://www.interpoetica.com.br)) terminou 2011 em clima de euforia, comemorando a marca de um milhão de acessos. O Interpoética divulga novos autores, poetas e prosadores, além de eventos da cultura pernambucana. Vale a pena conferir as colunas de Alexandre Furtado, Cícero Belmar, Geórgia Alves, Jomard Muniz de Brito e muitos outros.

### GUIA DE LEITURA

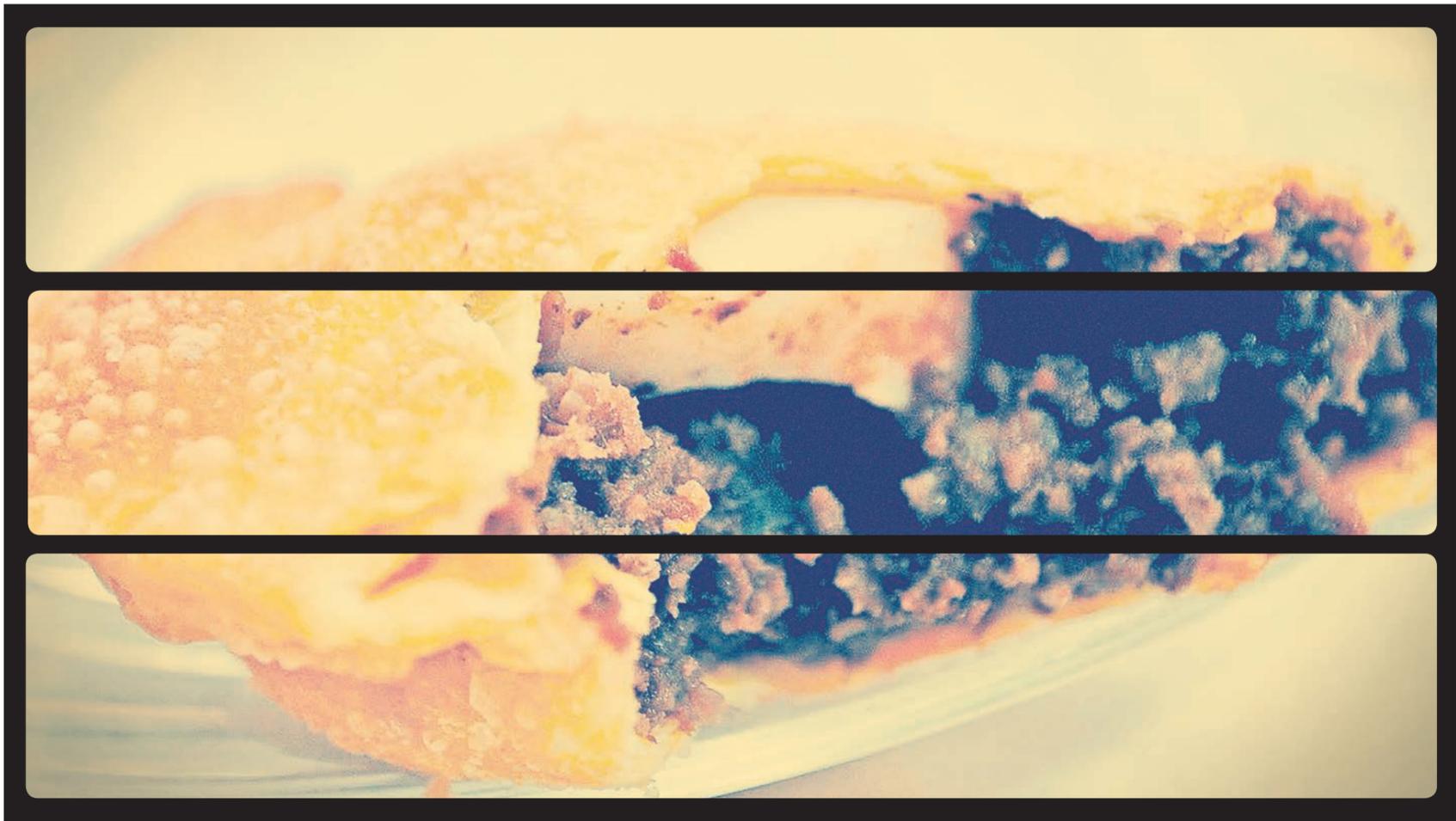
#### Professores e estudantes têm indicação de livros

O blog Educação em Valores, lançado por Edições SM no segundo semestre de 2011, virou referência entre professores e estudantes pelas indicações de obras de literatura infantil e juvenil. O espaço virtual, voltado para discutir práticas de educação e estimular a reflexão sobre o tema, inclui um guia de leitura, com sugestões de como trabalhar o livro de modo interessante.

## CRÔNICA

Luís Henrique Pellanda

JANIO SANTOS



## Daqueles que dão para dois

**Ela sobe** a Ébano, eu desço. Calculo: vai cruzar comigo em dez segundos, na esquina da Biblioteca Pública, entre a banca de revistas e o carrinho de pipoca. Tem seus 40 anos, é alta e não parece bonita, mas o dia está nublado, houve chuva e vendaval, a rua foi tomada por jaquetas de couro, blusas de moletom, gorros de lã, golas de pele, galochas, e ela destoa de tudo isso. Vem de calça jeans desbotada, chinelos de dedo e camisa clara, os botões de cima abertos, o decote nu, sem colares, sem brincos, a cabeleira vermelha crepitando, quanto mais venta mais ela se acende, debochando do frio fora de época. Mas não, não é uma mulher bonita.

Oito, sete, seis, cinco, quatro – três segundos antes do nosso encontro, a desconhecida é interceptada por uma senhora baixinha, encasacada, que a faz se curvar para um abraço falso, um beijo social. Pego o começo do diálogo entre as duas. A senhora pergunta:

– Teu marido, como vai?

– Faleceu – responde a outra, quase envergonhada.

A senhora acusa o choque, pula para trás:

– Jesus! Mas quando foi isso?

– Ontem.

Continuo caminhando, não posso parar e simplesmente abordá-las, isso seria ridículo, mórbido, deselegante, eu não as conheço, mas – faleceu ontem? Isso significa que uma dessas mulheres acaba de emergir – com aquele cabelo vermelho! – de sua primeira noite de viuvez, quem sabe passada numa capela distante, entre coroas de

perfume enjoativo, cafezinho requentado, bolachas ordinárias, velas elétricas. Sigo adiante, ando mais um pouco, uma dúzia de passos lentos, e não resisto, olho para trás, preciso vê-las. As duas conversam por mais três minutos, se abraçam e se beijam, mas o abraço e o beijo, agora, são calorosos, demorados, elas custam a se soltar. Por fim se despedem, sem choro, cada uma tomando um rumo diferente. A de cabelos vermelhos cruza a Cândido Lopes, mais sozinha que nunca, em direção à vida.

Continuo meu passeio. Alcanço a Rua XV, desvio das ciganas, driblo a vendedora de flores, ignoro a moça obesa fantasiada de Emília, não quero comprar bonecas de pano. Entro na agência bancária, pago minhas contas, checo meu saldo, saco 50 reais e já é hora do almoço. Volto à esquina da Biblioteca, retomo a Cândido, depois a Carlos de Carvalho, e toco para o vegetariano, sempre pensando no homem que faleceu ontem, nos cabelos crepitantes da sua viúva, em seus chinelos, seus dedos bem manicurados, sua unha francesinha, em branco e rosa.

No cruzamento com a Alameda Cabral, uma pausa: sinal aberto para os carros, os pedestres se acumulam no meio-fio. Do outro lado da rua, um casal de idosos se impacienta, tem pressa, pouca felicidade pela frente. Não se falam, mal se notam, mas há, entre eles, alguma comunicação negativa, uma dissintonia perigosa. O velho olha para os automóveis, guarda-chuva na mão direita, à espera de uma oportunidade, uma trégua no tráfego que vem da Praça Osório; a velha olha para

o sinal verde, atenta ao estrito cumprimento das regras, bolsa de cobra no antebraço esquerdo, manto de coelho nos ombros. Ele desliza para o asfalto, pisa a faixa de segurança e ensaia uma travessia. Ela tenta impedi-lo, ó o sinal, homem, está aberto, espera. Ele insiste, ela o fisga pela manga do paletó de veludo preto. Ele puxa o braço com ódio, tenta se desvencilhar da esposa, o par se desequilibra. Observando os dois, me distraio do trânsito, o sinal fica vermelho, mas nenhum de nós atravessa a rua, o próprio velho já desistiu de atravessá-la, suas prioridades mudaram.

Sim, ele perde a cabeça. Ergue seu guarda-chuva automático e, com ele, golpeia a esposa pela primeira vez, na altura dos peitos. A mulher se assopra, ferida, mas revida de pronto – aquela agressão pública não é novidade para ela. Estapeia o velho no queixo, mas só o pega de raspão, o agarra pela lapela. Ele permanece impassível, não se mostra ofendido, acho que se arrepende da cena e pensa em fugir, dá outro passo em direção à rua, afunda o pé numa poça d'água e se confunde, o sinal abre novamente, os carros voltam a circular, ele é obrigado a retroceder. A velha aproveita a hesitação do cônjuge e volta a castigá-lo, um direto no nariz, outro na orelha. O homem se enfeza, bate nela mais duas vezes – uma nos rins, outra na barriga – e o guarda-chuva se abre dramaticamente. O agressor o fecha, mas se atrapalha no processo, é censurado por um entregador de água que estaciona por ali a sua bicicleta:

– Vamos parar com isso, meu senhor?

– O teu senhor está no céu.

O velho é grosso, não tem tempo para bater boca com vadios. A velha berra, ataca o inimigo, eu te mato, eu te odeio, todo mundo morre, menos você, menos você, ela chora e mete as unhas na camisa xadrez dele. Um botão se solta, um tufo de pelos brancos vem à tona, registra-se uma quarta guarda-chuvada – nas pernas da mulher –, o sinal torna a fechar. A senhora grita alto, vai chamar a polícia, ameaça correr, atravessa o asfalto depressa, na faixa, mas logo se aquieta, cansa, desanima e volta a caminhar. O velho também cansa, mais de 80 anos, não é brincadeira, e a segue devagar, manso, resignado. Os dois passam por mim já num estado de calma relativa, de torpe rendição, ela dois metros à frente dele, ambos subindo a Cabral em direção à morte, ao apartamento onde criaram seus filhos e onde viverão juntos para sempre. Respiro fundo e vou almoçar.

Na saída do vegetariano, decido fazer a digestão na Boca Maldita. Venço o calçadão, pego a rua da Biblioteca e – lá vem ela, a viúva dos cabelos de fogo. Calculo: vai cruzar comigo em dez segundos, na mesma esquina, entre a banca e o pipoqueiro. Eu subo a Ébano, ela desce. Cinco, quatro, três, dois, um. É alta, não é bonita. 40 anos, calça jeans, camisa clara, aliança no dedo. O tempo virou, o sol saiu, que calor, todo mundo suando, menos ela. Olha só: latinha de coca numa mão e, na outra, um pastel de carne. Um pastel! Especial: daqueles que dão para dois.

### SOBRE O AUTOR

**Luís Henrique Pellanda** é jornalista e autor de *O macaco ornamental* e *Nós passaremos em branco*